



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA - UNAGEO
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

KAIAME LEITE ARAUJO

**TRANSFORMAÇÕES E ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIAS DA FEIRA LIVRE DA
CIDADE DE BARRO, CEARÁ**

CAJAZEIRAS

2018

KAIAME LEITE ARAUJO

**TRANSFORMAÇÕES E ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIAS DA FEIRA LIVRE DA
CIDADE DE BARRO, CEARÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Geografia, da Universidade Federal de Campina Grande, no Centro de Formação de Professores, Campus Cajazeiras com a finalidade de obtenção do título de Graduado no referido Curso.

Orientadora: Profa. Dra. Ivanalda Dantas Nóbrega Di Lorenzo

CAJAZEIRAS

2018

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras – Paraíba

A659t Araújo, Kaiame Leite.
Transformações e estratégias de resistências da feira livre da cidade de Barro, Ceará / Kaiame Leite Araújo. - Cajazeiras, 2018.
76f.: il.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Ivanalda Dantas Nóbrega Di Lorenzo.
Monografia (Licenciatura em Geografia) UFCG/CFP, 2018.

1. Feira livre. 2. Desenvolvimento econômico - Barro - Ceará. 3. Relação campo - cidade. 4. Feira Livre - estratégias de resistência. I. Lorenzo, Ivanalda Dantas Nóbrega Di. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

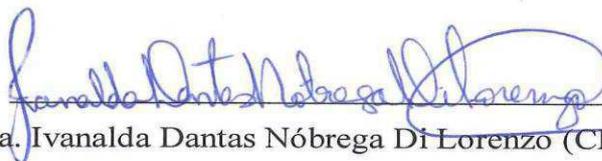
CDU - 339.177

KAIAME LEITE ARAUJO

**TRANSFORMAÇÕES E ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIAS DA FEIRA LIVRE DA
CIDADE DE BARRO, CEARÁ**

Aprovada em: 16/03/18

Banca Examinadora



Professora Dra. Ivanalda Dantas Nóbrega Di Lorenzo (CFP/UFCEG-Orientadora)



Professora Dra. Cicera Cecília Esmeraldo Alves (UFCEB/CFP -Examinadora Interna)



Professora Me. Mariana Borba de Oliveira (Examinadora Externa)

CAJAZEIRAS

2018

Esta obra é dedicada com todo o seu suporte que me trouxe noites de sono perdidas, tardes quentes enfrentadas, mas que valeram à pena cada segundo investido. Sendo assim, dedicado aos meus pais, Dona Maria Gorete de Sousa Leite Araújo e Seu José Moura de Araújo, os quais nunca descreditaram de meu potencial, sempre me deram força para seguir na vida acadêmica e profissional. Não deixo de lembrar aqui também da minha avó materna, a qual me possibilitou economicamente e cuidadosamente os anos em que estive fora de casa. Nada teria acontecido sem a sua colaboração.

Dedico.

AGRADECIMENTOS

Ah, essa é uma parte que me faz viver desde antes mesmo do meu início ao curso de Geografia, começar esses agradecimentos me faz recordar desde a minha base familiar, até aos laços que criei no decorrer de anos. Começo agradecendo a Deus, por em sua infinita bondade ter me dado o dom da vida e da sabedoria, para que hoje esteja aqui construindo uma etapa importante da minha vida.

De forma imensa agradeço a minha avó materna Maria Izaias de Sousa (Vó Noro) que desde criança convivo e tenho imenso agradecimento, ela possibilitou com todo seu cuidado os meus anos fora de casa, não deixando de fora, agradeço também a minha avó paterna Josefa Fernandes de Araujo (Vó Zefa), a qual, com todo seu cuidado, sempre me guiou em minha vida pessoal.

A ela que eu dedico como todo o meu amor, um ser que Deus me presenteou a estar no seu ventre, minha mãe, Maria Gorete, mulher guerreira; ser iluminado; cuidadora; ela sim merece todo o carinho e a admiração. Ela nunca desacreditou de mim, esteve sempre me dando conselhos, carinho e amor. Ela, que mesmo distante durante os anos fora de casa, esteve sempre fazendo o possível para cuidar de mim, por isso dedico a mesma todo o sucesso da minha vida.

Aquele pai coruja, sim. O meu é um deles. Homem de fé, guerreiro, sempre com suas dificuldades soube demonstrar o verdadeiro sentido de um pai, com seus cuidados e experiências me livrou de vários perigos me guiando sempre pelo caminho do bem, hoje sou o homem que sou graças a ele.

As minhas irmãs Sayane Kécia e Sayonary Araujo, sempre compreensivas (às vezes explosivas), que sempre se mostraram dispostas a lutarem comigo, pessoas as quais convivo desde a infância e sei que estarão sempre ao meu lado.

Aos meus sobrinhos Demétrio Junior e João Lucas, crianças iluminadas, que brilham a minha vida, mostrando a sua pureza e forma de amar.

Por mais que não esteja ligado ao sangue, ao longo da vida criamos laços de amor. Foi assim que criei verdadeiras amizades, no município de Barro. A minha vida está ligada a pessoas que sei que estarão sempre comigo. Difícil listá-las, mas se faz necessário: Luciana Fernandes (anos de cumplicidade, pessoa amável, e que sempre soube olhar para o próximo com amor), Marcio (parceiro de festa, de farras e que posso contar com sua amizade em todos

os momentos), Dona Márcia (pessoa a qual tenho total admiração pela sua luta), Clayrton (amigo esse que sempre olhei com olhos de amor, carinho de irmão), Leandro – Lê (esse fez parte de vários momentos, que partiram desde ódio, até o mais verdadeiro amor), Maria Alice uma pessoa amável, que sempre demonstrou em sua pureza a sua amizade), Jeane (ela é aquela miga “louca”, que durante anos de amizade acho que fui o único que ela não brigou), Kessynha (essa sem dúvidas é uma das mais importantes, pois é a ela que conto meus segredos; é a ela que eu procuro em dias difíceis, ela sem dúvidas é uma das minhas bases), a minha madrinha Wanessa (que além de inspiração, sempre me deu conselho, se mostrando uma pessoa preocupada, mesmo com todas as suas lutas), Celso e meus amigos do *Coletivo Cultural Miolo de Pote* que junto a mim, estão mudando uma realidade na nossa cidade.

A vida, em suas idas e vindas, mostrou-me pessoas a qual passei a amar e admirar, assim, nessas voltas que o mundo deu, a Geografia me mostrou uma pessoa que dividi momentos únicos, Vitor Marques, ah! Com ele pude desfrutar de madrugadas de bons papos, que mesmo longe me mostrou sempre estar preocupado comigo, me admirando e me dando o carinho que precisava em dias de angústias, com ele pude ver que distância é apenas um espaço entre corpos, que o amor supera os limites. Agradecendo assim por todo amor envolvido.

A uma família postiça que criei, juntando laços de amor, carinho, confiança e admiração: a família Viana, pessoas que passaram a fazer parte da minha vida e assim, sempre me dando força e sempre acreditando em mim.

Não deixando de lado os que nos anos de Universidade pude desfrutar de momentos incríveis. Começo por ele, Francisco Gilmarino (que sem dúvidas me mostrou o amor que o mundo nos oferece), seguindo para Erivan Lopes (pessoa a qual dedico toda minha admiração e amor, que me mostrou na simplicidade o verdadeiro sentido da vida, irmão de longas jornadas).

Aos meus parceiros de quarto, Ribamar, Ailmo, Will, Damião, Emanuel, Manoel, Pedro, Filipe, o convívio me fez crescer, e com ajuda dos amigos da residência vi o mundo diferente. Foram eles os que mais marcaram: Os do quarto 15: Ronier, Higor, Cleiton. Os do quarto 14: Oraldo, Rodrigo, Gadelha. Os do quarto 02: Rodolfo, João Paulo e Bruno. O que “rodou” por quase todos os quartos – Pedro Felipe, o meu conterrâneo Everton, e as meninas da residência Feminina, as quais fazem parte dessa família, Lilian, Eduarda, Marleide, Herica, Rosa, Clarice, Mismana (pessoa amável, pela qual tenho grande admiração).

Aos meus colegas de Curso, com os quais tive maior afinidade e juntos compartilhamos de momentos enriquecedores, que perpassam a sala de aula: Jefferson, Maiara, Betânia, Dalila, Sinval, Francis, João, Renata, Aywsca, Daniela, Andréia Negreiro, Alessandra, David, Felipe, Amanda, Elizabeth, Joaquim, Sinval.

Aos amigos que a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) me deu: Alex, Jessica, Felipe, Mariana da Cantina, Erivânia, Junior (o qual passei ter uma grande admiração pela competência e responsabilidade), as assistentes de coordenação Luciana e Andreza, as quais aperreei muito nos dias de lutas na Universidade. Aos servidores do Restaurante Universitário, aos quais devo total agradecimento, que sempre estiveram ali, com o sorriso no rosto, nos recebendo sempre de forma compreensiva.

Aos seguranças em geral e aos que tive uma relação de amizade como Júnior, Ticiano, Francisco. Aos técnicos-administrativos, aos quais muitas vezes recorri com as minhas angústias e necessidades, como por exemplo, Suely, Grazi, Suelen, Chicão.

Aos meus parceiros de lutas do Levante Popular da Juventude: Mag, Jonas, Ariel, John, Joelson, Jade, Helmar, Adriano, vocês contruíram em mim, uma pessoa diferente, possibilitando momentos de lutas.

Ainda na UFCG, pessoas me ajudaram de forma inigualável a chegar até aqui, foram sem dúvida a base de todo conhecimento, os meus professores, aos quais pude desfrutar momentos de tristeza, raiva, e delas criaram-se laços.

Assim, agradeço a todos, mas em especial ao Professor Dr. Josenilton Patricio Rocha, ao qual pude conhecer a sua vida pessoal, Professor que se tornou amigo, abrindo as portas da sua casa para que eu pudesse fazer parte do seu cotidiano e segredos.

À Professora Dra. Jacqueline Pires Lustosa, a qual nos levou a primeira aula de campo, mostrando a Geografia com novos olhares, e que construímos uma amizade que passou a sala de aula.

À Professora e grande amiga Me. Mikaelly Amancio, uma amiga que soube conquistar toda a turma e nos mostrou possibilidades de um novo mundo nas escolas, no ensino da Geografia.

À Professora Me. Maria da Glória Anselmo, a qual nos seus últimos períodos como Professora do nosso Campus, possibilitou a construção de uma relação de parceria e amizade, e pela qual tenho enorme consideração.

Não deixando de lado os que nos meus últimos períodos pude desenvolver esse laço de

amizade, como as Professoras Dra. Alexandra Rocha e Dra. Josiane Abilio, pessoas que mesmo com pouco tempo mostraram-se ser de tamanha responsabilidade e amor pela profissão que exercem.

Ao professor Dr. Santiago Andrade de Vasconcelos, sinto imensa admiração, por se mostrar sempre compreensivo e companheiro e pela admiração por sua história de luta e vitórias.

Agradeço ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) pela participação como Bolsista de Iniciação à Docência (ID), no Subprojeto Geografia, desde o mês de Outubro de 2016 até fevereiro de 2018. Foi a partir dele que pude ver o que realmente eu queria, pois abriu meus olhos de forma brilhante para educação pública, mostrando formas diversas com as relações que construímos de amar a educação, sem deixar de lado, todos os outros bolsistas (ID) e as professoras que nos acompanharam na luta.

À Banca Examinadora representada pela Professora Orientadora, amiga, conselheira, companheira de várias madrugadas de sono perdido, à Professora Dra. Ivanalda Dantas Nóbrega Di Lorenzo, a qual me proporcionou hoje estar desfrutando desse momento de vitória. Sem ela tenho certeza que meus caminhos seriam outros. Ela sempre acreditou em mim enquanto muitos apenas criticavam em dias difíceis ela soube arrancar um sorriso depois de um conselho, mesmo que muitos desses fossem aqueles “puxões de orelha” que só ela sabe muito bem como dar.

Aos Membros Examinadores, na pessoa da Profa. Dra. Cícera Cecília Esmeraldo Alves, Coordenadora do Subprojeto PIBID Geografia, a qual nas tardes de encontro do PIBID e, nas disciplinas em que ministrou nas quais estive matriculado, pude ver a competência e amor pelo que faz, mostrando-se sempre preocupada com a realidade das nossas escolas e educação.

À Profa. Me. Mariana Borba de Oliveira, a qual não é possível expressar em palavras o carinho que desenvolvi por ela. Uma pessoa compreensiva, amável, idolatrada por todos os que têm o prazer de conhecê-la. Desenvolvi por ela um carinho inigualável, junto à total admiração que por ela criei.

Ao PROBEX, a qual a partir das leituras do qual conheci experiências camponesas e delas o interesse pela comercialização dos produtos vindos do campo, facilitando assim a minha escolha do tema e resultados apresentados neste trabalho.

RESUMO

O presente trabalho, trás em seu suporte, questões teórico - metodológicas de como a feira livre vem se desenvolvendo e resistindo no decorrer de anos, perante as novas formas de comercialização impostas pelo capitalismo. Assim, o trabalho se baseia em um estudo do caso da Feira Livre do município da cidade de Barro, Ceará, a qual nos últimos 15 anos (recorte temporal) vêm sofrendo considerável retração, mas de certa forma resiste às formas de competitividade. Tendo assim como objetivo geral, investigar os fatores de retração e as estratégias de resistência da feira livre da cidade do Barro-CE. Abordaremos no trabalho questões como a trajetória da feira, mostrando a sua inserção no circuito inferior de economia, seguindo para a sua história temporal, desde o macro ao micro, mostrando assim a sua importância para economia local e seu papel no desenvolvimento urbano, partindo para a relação dos que fazem a feira, como consumidores, feirantes e comerciantes fixos. Para finalizar a discussão, mostraremos as formas de resistência nela encontrada, onde trazemos fatores que causam a sua retração e como ela vem enfrentando essa problemática. A pesquisa foi desenvolvida no período de outubro de 2017 até o mês de fevereiro de 2018, onde foram analisados depoimentos, questionários, dados demográficos do município, através da colaboração de cinquenta envolvidos, sendo eles, feirantes, consumidores e comerciantes fixos. Tivemos como hipóteses: A Feira Livre de Barro – Ceará vem sofrendo retração em função do surgimento de novos mercados competidores; Embora sofrendo retração a Feira apresente mecanismos de resistência relacionados ao espaço como lugar de encontro e como uma alternativa local de comercialização da produção local; A efetivação de investimentos públicos que viabilizariam melhores condições para os feirantes contribui para o fortalecimento da Feira Livre e como objetivo geral “Investigar os fatores de retração e as estratégias de resistência da Feira Livre do município de Barro- CE”, sendo utilizado o método científico qualitativo e exploratório.

Palavras-chaves: Feira livre – Resistência – Relação Campo-Cidade

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CE – Ceará

CFP – Centro de Formação de Professores

hab. – Habitantes

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ID – Iniciação a docência

km² - Quilometro quadrado

PB – Paraíba

PAA - Programa de Aquisição de Alimentos

PE - Pernambuco

PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência

PROBEX - Programa de Bolsas de Extensão

RN – Rio Grande do Norte

UFCG – Universidade Federal de Campina Grande

LISTAS DE IMAGENS

Imagem 01 - Criança em horário de almoço	24
Imagem 02 – Resíduos depositados ao ar livre.....	29
Imagem 03 - Feirante consertando esgoto.....	30
Imagem 04 - Exposição de quinquilharia, produto tradicional na feira.	31
Imagem 05 - Duas formas de comercializações de roupas encontradas.	43
Imagem 06 – Lojão das Variedades nas proximidades da Feira	47
Imagem 07 - Espaço reservado à comercialização de frutas, verduras e hortaliças	49
Imagem 08 - Espaço utilizado para comercialização de roupas.....	50
Imagem 09 - Exemplos de quinquilharia.....	51
Imagem 10 - Barraca de quinquilharia de maior escala na Feira.....	51
Imagem 11 - Produtos oriundos do campo, marcando os produtos tradicionais na Feira	52
Imagem 12 - Barraca de comercialização de calçados.....	53
Imagem 13 – Comercialização de animais na Feira	54
Imagem 14 – Vendedor Ambulante	62
Imagem 15 – Barraca concorrente do vendedor ambulante	62
Imagem 16 – Rezador benzendo consumidor.....	63
Imagem 17 – Barraca que está inserida como forma de resistência?	65
Imagem 18 – Considerável número de frequentadores/consumidores que fazem a Feira	66
Imagem 19 – Barraca em frente a loja comercial fixa	67

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Novos mercados são possíveis ameaças.....	26
Quadro 02 – Perguntas realizadas ao consumidor e ao feirante/feirante	32
Quadro 03 – Relacionamento entre feirantes e comerciantes fixos	58
Quadro 04 - Pergunta - A feira é um possível competidor? Ela traz ameaça para o comércio fixo?	59

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 - Atividade de obtenção de renda	22
Gráfico 02 - Origem do Feirante.....	45
Gráfico 03 – Tempo de atuação.....	46
Gráfico 04 - Tipos de produtos comercializados.	48

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice 01 - ENTREVISTA AO FEIRANTE	73
Apêndice 02 - ENTREVISTA PARA O CONSUMIDOR	75

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Feira Livre no ano de 1940	34
Figura 02 - Feira Livre no ano de 1998	35
Figura 03 - Feira Livre no ano de 2018	37
Figura 04 - Mapa de localização do município do Barro-CE.....	41

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
1 A TRAJETÓRIA DA FEIRA LIVRE: TERRITORIALIDADE(S) E CULTURA(S)	21
1.1 Origem E Trajetória da Feira Livre como Atividade do Circuito Inferior Da Economia	21
1.2 Concorrência, Capitalismo, Resistência e Culturas na Feira Livre	25
1.3 Territorialidades da Comercialização no Município de Barro, Ceará: dos Mercados de Rua aos Minimercados como Estruturas Capitalistas de Comercialização	30
2. COMERCIALIZAÇÃO NA FEIRA LIVRE DA CIDADE DE BARRO, CEARÁ	39
2.2 O Município de Barro-Ce e a Dinâmica Comercial Regional	39
2.2 Caracterizando o Perfil dos Sujeitos Comerciantes e Freqüentadores que Fazem a Feira	44
2.3 Os Tipos de Produtos, as Origens dos Produtos Comercializados e dos Vendedores que nela Comercializam	48
3. A FEIRA COMO PONTO DE ENCONTRO E SUA IMPORTÂNCIA PARA A DINÂMICA ECONÔMICA REGIONAL	55
3.1 A Relação Campo Cidade a Partir da Feira Livre e o Trabalho nela Realizado como Práticas e Saberes	55
3.2 As Relações Existentes Entre Feirantes, Consumidores, Lojistas e Moradores e a Ação do Poder Local	58
3.3 As Formas de Resistência Encontradas pelos que a Fazem e/ou Freqüentam	63
CONSIDERAÇÕES	68
REFERÊNCIAS	70
APÊNDICES	72

INTRODUÇÃO

O entendimento das organizações urbanas tem sua visibilidade nas concepções e nos métodos de estudos da Geografia. Grandes nomes trazem essa discussão, focando na cidade como um organismo artificial. Dentro dessa organização encontramos um elemento que surge na Idade Média e toma grande importância no desenvolvimento das cidades por todo o mundo, a feira livre.

A feira livre tem sua origem a partir do surgimento da necessidade da troca de produtos por diversos povos, tornando-se importante para o desenvolvimento econômico de cada localidade. Tendo também um papel muito importante na formação dos núcleos urbanos não sendo diferente na cidade do Barro – CE.

Atualmente, ao observarmos a Feira Livre do município de Barro, Ceará (CE), pode-se perceber um considerável fluxo de pessoas vindas do campo, à procura de produtos diversos não existentes em suas comunidades, assim como para o estabelecimento de trocas comerciais.

Com a vinda de novos comerciantes fixos na cidade; novas formas de armazenar e comercializar seus produtos sem que haja a necessidade de um dia fixo para comercializá-los, ou seja, o surgimento de pontos comerciais mais acessíveis ao público residente na sede do município com formas de pagamento mais viáveis como: as compras a prazo, em cartões de crédito ou cheques, entre outros, a Feira Livre vem sofrendo uma retração, diminuindo os fluxos existentes nela durante todo o dia de concentração, causando na mesma, transformações espaciais, afetando na comercialização e, conseqüentemente a geração de trabalho e renda.

Acreditamos que um dos fatores concorrentes reside na existência e surgimento de outros pontos comerciais, os quais trazem em suas prateleiras desde o tempero caseiro, que antes só se encontrava apenas na Feira Livre, até os melhores produtos culinários, como também lojas de roupas, com preços acessíveis, que competem com as antigas barracas (que ainda resistem), ou seja, existe atualmente, todo um suporte varejista de vastos produtos, não necessitando que haja um direcionamento da população à Feira para adquiri-los. Contudo, a Feira resiste, com seus produtos, mesmo não trazendo formas mais apropriadas de comercialização.

Nesse sentido, nos debruçamos para compreender essa problemática e para consolidarmos esse entendimento acerca do objeto de estudo, para a compreensão de quais processos de modernização tem concorrido para a modificação da dinâmica da Feira Livre da

cidade de Barro - CE, bem como identificar os elementos de resistência, o que impulsiona essa resistência, considerando a importância dessa Feira para desenvolvimento econômico, social e cultural local.

A pesquisa foi realizada mediante levantamento bibliográfico, a partir do qual foram realizadas leituras de caráter científico, buscando domínio e embasamento para realização do projeto. A pesquisa de campo se realizou através de observações do cotidiano do autor na feira (residente nesta cidade desde a infância), das pesquisas realizadas com os feirantes, consumidores, lojistas, das vivências possibilitadas a cada encontro, durante os meses de setembro de 2017, quando se deu início a pesquisa até as últimas visitas realizadas no mês de fevereiro de 2018, quando foi encerrada a coleta de fotografias para finalização do texto e devidas análises.

A Feira ocorre no dia de segunda-feira como dia fixo, o que facilitou as observações das atividades lá realizadas. As informações obtidas em campo serviram de base para tratamento de informações, onde foram transformadas em gráficos, tabelas, quadros, textos, a partir do desenvolvimento de entrevistas com os sujeitos da pesquisa, que foi realizada durante as visitas ao campo e questionários, sendo elencadas algumas questões, mapeando localidades de origem de produtos e para onde eles são destinados, realizadas com ajuda e disposição dos sujeitos envolvidos na pesquisa (comerciantes lojistas fixos e consumidores).

A pesquisa surge inicialmente pela participação particular, como sujeito de observação da problemática, compreendendo assim o espaço de cotidiano e vivência, no qual foram observadas transformações no espaço e na dinâmica locais, considerando que a feira vem sofrendo retração na oferta de produtos, bem como na quantidade de barracas e feirantes.

Partindo desse pressuposto, a pesquisa tem por objetivo geral investigar os fatores de retração e as estratégias de resistência da Feira Livre da cidade de Barro - CE.

Dentre os objetivos específicos elencamos:

- A) Refletir sobre a Feira Livre como ponto de encontro e sobre as formas de resistência encontradas pelos que a fazem e/ou frequentam;
- B) Mapear os tipos de produtos, as origens dos produtos comercializados e dos vendedores que nela comercializam;
- C) Entender, a partir das relações existentes entre feirantes, consumidores, lojistas e moradores, o que faz a Feira um ponto de encontro e sua importância para a dinâmica econômica da região;

Este texto consta de três capítulos:

No primeiro, intitulado por “A trajetória da feira livre: territorialidade(s) e cultura(s)” trazem discussões como a origem e a trajetória da feira livre como atividade do circuito inferior da economia e, as formas de concorrência capitalistas e resistência que a feira livre passa.

No segundo capítulo, intitulado “Comercialização na feira livre da cidade de Barro, Ceará”, trataremos questões a cerca do município e sua dinâmica regional de comercialização, a caracterização dos perfis dos sujeitos, comerciantes e frequentadores que fazem a feira e, por fim, os tipos de produtos, as origens dos produtos comercializados e dos vendedores que nela comercializam.

O terceiro capítulo intitulado: “A feira como ponto de encontro e sua importância para a dinâmica econômica regional”, apresentamos questões ligadas à relação Campo/Cidade, a partir da Feira Livre e o trabalho nela realizado como práticas e saberes; as relações existentes entre Feirantes, Consumidores, Lojistas e Moradores e a ação do poder local e, por fim, as formas de resistência encontradas pelos que a fazem e/ou frequentam a feira livre.

Assim, a minha participação e desenvolvimento da pesquisa se deu também pela colaboração do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência – PIBID, a qual durante 1(um) ano e 5 (cinco) meses facilitou a minha concepção de espaço, onde durante vivências proporcionadas pelo mesmo tive discussões que facilitaram a leitura desse espaço em que estou inserido, mostrando-se sempre rico em seus espaços de vivência e aprendizagem, uma vez que não devemos segregar a geografia, sendo possível a sua compreensão como uma disciplina de relações sociais onde há a inserção dos indivíduos, transformando-a e construindo através dos espaços em que estamos inseridos.

Deste modo, a partir das análises feitas, e com a ajuda de todos os envolvidos na pesquisa, bem como feirantes, lojistas, consumidores e parte do poder público, conclui-se que essa pesquisa trará uma benéfica contribuição relacionada ao desenvolvimento da feira como transformador social, na qual poderá ser utilizada pelo poder público para possíveis mudanças realizadas em questões estruturais; de relação com o feirante; facilitando assim a vivência dos que fazem a feira, melhorando a renda das famílias que dela tiram seus sustentos podendo também ser utilizada de forma a mostrar para os seus envolvidos a importância da feira na vida dos mesmos, fixando-a como forma de resistência imposta na cidade.

1 A TRAJETÓRIA DA FEIRA LIVRE: TERRITORIALIDADE(S) E CULTURA(S)

Pensar a feira livre como um instrumento transformador do espaço se faz importante quando se pensa em categorias geográficas, que trazem embasamento de cunho teórico, que facilitam o seu entendimento e mostram o seu papel na transformação da economia local e da sua importância na cultura do lugar em que está inserida. Assim, a feira livre da cidade do Barro – CE vem trazendo sua funcionalidade nesse sentido, mas com o decorrer do tempo essa forma espacial, trouxe suas mudanças e transformações, gerando assim implicações para construção deste capítulo. No capítulo que segue, trataremos questões teóricas voltadas à sua origem, as suas transformações e trajetórias.

1.1 Origem E Trajetória da Feira Livre como Atividade do Circuito Inferior Da Economia

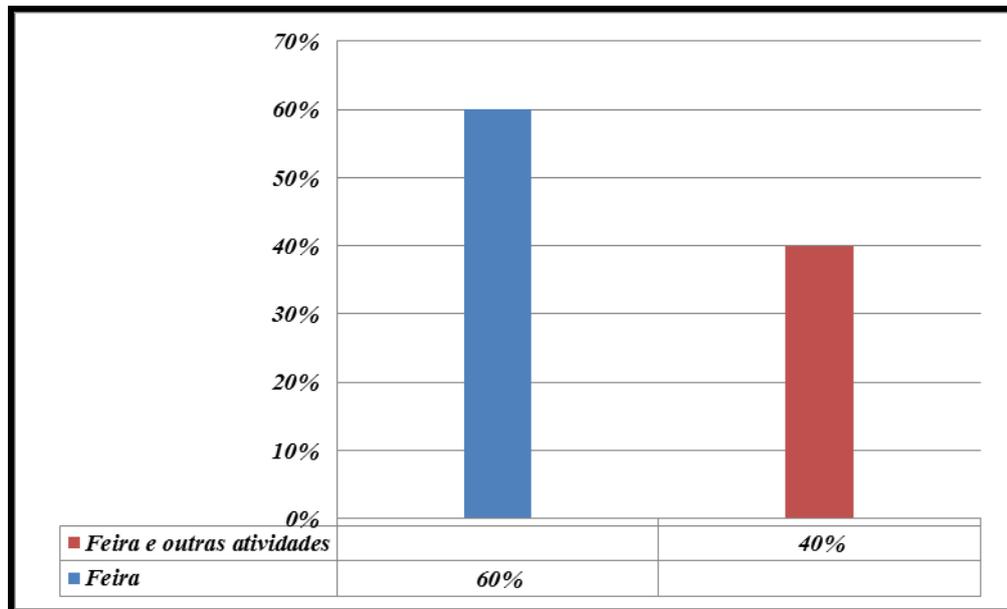
A feira livre representa uma forma peculiar de sociabilidade entre os sujeitos que a fazem e dela se utilizam, e também de uso da rua. Segundo Mascarenhas e Dolzani (2008), há muitos anos sofre acusações de que a mesma não é mais útil levando em conta o surgimento de grandes supermercados e pela difusão ilimitada de automobilidade. No contexto da modernidade urbana, a feira livre se deu início na virada do século XIX para o Século XX. Progressivamente, as feiras tornaram-se territórios populares (MASCARENHAS, 1997)

As feiras livres existem no Brasil desde o Período Colonial, modelo de tradição cultural e atividade comercial inserida pelos portugueses, quando aqui chegaram, os quais introduziram seus costumes e crenças, estabelecendo seus próprios processos culturais: "As feiras constituíam uma inovação que era desconhecida da população nativa" (MOTT, 1976, p. 82).

As feiras podem ser caracterizadas onde se desenvolvem principalmente nos espaços públicos, onde se reúnem atividades comerciais de baixo capital promovendo o acesso dos que a fazem, pela centralidade que adquire a força de trabalho. Essas atividades podem assim, serem desenvolvidas, predominantemente, nas posições fixas ou semifixas, podendo ser definidos como trabalhos informais, assim partindo para sua posição na economia (SANTOS, 2004 [1979]) diz que o que diferenciaria as atividades do circuito superior, das atividades do circuito inferior seria a tecnologia empregada e o modo de organização do trabalho.

No gráfico, a seguir podemos observar que mais da metade dos feirantes tem em sua base de renda familiar apenas a feira livre, ou seja, estão inseridas no circuito inferior de economia.

Gráfico 01 - Atividade de obtenção de renda



FONTE: Pesquisa Direta realizada com 30 participantes. Organizado pelo Autor, Nov. 2017.

A feira livre, como forma de geração de renda, passa a se inserir no circuito inferior da economia por ter em suas características componentes que se identificam e assim representam em suas formas tradicionais de produção/reprodução e de comercialização de produtos, além das formas que se remetem a seus primórdios de compra e venda por parte dos feirantes e clientes, acolhendo, de forma expansiva parte da população excluída, desempregada e marginalizada do circuito produtivo.

Para Andrade (2015, p.48), o número abundante de empregos gerados por esse circuito provoca uma verdadeira fuga para a população mais carente, que não se introduz de modo fácil nas atividades do circuito superior. Desta forma, exercem várias atividades, que por serem em grande parte de pequeno porte, não os garantem leis trabalhistas. Por sua vez esse circuito ganha cada vez mais os espaços urbanos, e na cidade do Barro não seria diferente.

Passando para suas importâncias; a feira é valorizada como patrimônio a partir da sua consideração com base em novas concepções do espaço e do tempo, podendo ser entendida como um patrimônio sociocultural, onde os valores desse setor são importantes para a

economia local, onde ocorre uma expansão dessa economia para que traga desenvolvimento do lugar em que ela está situada, gerando trabalho e renda para os que produzem e os que comercializam, assim como o movimento e o desenvolvimento urbano em seu entorno, conforme afirma Silva (2006, p.18):

O comércio teve um papel decisivo para consolidar o processo de urbanização de muitos centros urbanos mundo afora, neste aspecto, todo o processo de urbanização deu-se de modo a demandar uma atividade comercial na organização sociogeográfica do espaço humano ocupado.

A feira, enquanto modificadora sociogeográfica do espaço urbano, no seu modo arcaico, como sendo uma forma socioespacial tida como tradicional pelos seus métodos de vendas, tidos como tradicionais, pode ser assim caracterizada, pelo trabalho intensivo e pela sua agregação de indivíduos pobres, com baixo nível de renda e os desempregados tidos como os excluídos, que passam por esse entendimento de não estarem inseridos em formas tidas como “normais” no circuito superior da economia.

Nesse contexto, por ser a única forma de renda familiar de muitos, a inserção de vários membros da família se torna obrigatória, para ajuda e manutenção da feira. Durante a pesquisa de campo foi possível perceber essa participação de pessoas, muitas delas sem apresentar capacidade física para realização de determinados trabalhos manuais, mas que o faziam por necessidade.

A seguir, podemos ver uma criança em um momento de almoço, mas que em outros momentos desempenhava uma atividade de vendedor em uma barraca, comprovando a discussão aqui realizada, na qual se percebe a incapacidade física e moral da criança, que necessita estar trabalhando para ajudar a família na geração de renda.

Imagem 01 Criança em horário de almoço



Fonte: Arquivo Pessoal

Por sua vez, essa forma de atividade, que se insere no circuito inferior, tem forte relevância familiar. Por muitas vezes, essa é uma atividade que é passada de geração em geração.

Para Santos (2008), o emprego de base familiar é constante nas empresas de pequena extensão do circuito inferior da economia urbana.

Outra forte característica desse sistema, é a quantidade de mercadoria exposta, fica claro que o estoque é reduzido por não ter capacidade de armazenamento e ter a necessidade de uma variabilidade no estoque.

Na maioria das barracas, as frutas, verduras e hortaliças são armazenadas em caixotes que não trazem boa qualidade de manuseio, assim, quando se aproxima do fim da feira, os feirantes passam a vender os produtos em preços mais acessíveis, de modo a não perder a venda, acarretando futuros prejuízos.

No item, 1.2, trataremos discussões a cerca das formas de concorrência encontradas na feira, bem como as de resistências, que se agregam aos valores e culturas envolvidos na feira, fazendo dela um ponto importante para desenvolvimento urbano da cidade do Barro, trataremos também questões relacionadas ao capitalismo que se desenvolve no espaço da feira livre.

1.2 Concorrência, Capitalismo, Resistência e Culturas na Feira Livre

A cada segunda-feira, dia em que ocorre a concentração da Feira Livre no município do Barro no Ceará, momentos e sentimentos são compartilhados; valores são atribuídos; dinâmicas são resinificadas, fazendo pensar o espaço vivido pelo homem diante as formas de resistência presentes no modelo de comercialização e por aqueles que comercializam bem como os embates a respeito do que vêm causando a retração daquele espaço e de suas dinâmicas, a exemplo da abertura de novos comércios fixos na cidade, no entorno da Feira, sendo este um território de ação, relação e poder.

Levando em consideração a importância das categorias geográficas aqui adotadas, discutir a comercialização e modernização na/da Feira Livre, bem como identificar os fatores de retração e resistência se faz necessário a partir do entendimento das causas da visível diminuição de espaços antes destinados à Feira, bem como de barracas de venda e a qualidade dos produtos, o que por ventura pode ser uma das causas da menor procura de consumidores/frequentes do município, mas também de outras localidades.

Os feirantes, em sua maioria vêm enfrentando no mercado (feira), uma dificuldade relacionada ao poder de competitividade, causando um baixo poder de compra e venda dos produtos, ocasionando as baixas quantidades dos produtos ofertados frente ao consumidor, entretanto não perdendo de vista a função social da Feira como espaço de comercialização econômica, lugar de encontro e território de comercialização livre de produtos diversos, os quais quase sempre advêm do campo, o que fortalece e demonstra a intrincada relação campo-cidade.

Contudo, a importância da feira livre é ressaltada por Godoy *et al.* (2007)

Ainda que com o passar do tempo às feiras livres tiveram seu espaço reduzido pelo crescimento de outros canais de comercialização, como os supermercados, observa-se que, ainda hoje, este canal ainda desempenha um papel fundamental na consolidação econômica e social da agricultura familiar, sob a perspectiva do feirante, e socioeconômico cultural, sob a perspectiva do consumidor.

Para Sales *et al* (2011) a Feira é um espaço de contribuição para o campo, mas percebemos que existem fatores que vem dificultando o melhor acesso ao consumidor. Mesmo sabendo que atualmente essa busca pode se dar por pessoas que disponibilizam de mais tempo no dia a dia. Segundo Capistrano *et al* (2004 p.2):

Valorizam o caráter supletivo de abastecimento das feiras e relatam que as mesmas são frequentadas, na sua maioria, pela parcela da população que já possui hábito de ir à feira, como donas-de-casa e idosos, que possuem tempo disponível ou que não possuem veículos próprios.

Busca-se desta forma identificar mais fatores para tal redução, sendo a competitividade e a modernização da forma em que se comercializam os produtos como os principais fatores desta problemática, segundo os próprios feirantes, em entrevista, podem ser considerados de forma predominante respostas como vemos a seguir no quadro 01.

Quadro 01 - Novos mercados são possíveis ameaças

RESPOSTA DO FEIRANTE
“não, alguns, outros não, mas existe interferência”
“sim, pois eles são fixos”
“precisa-se de concorrência”
“sim, pois pra cidade é melhor pelas condições”
“sim, os preços na feira estão elevados e os supermercados têm mais opções, antes só tinha a feira”

Fonte: Pesquisa Direta realizada com 30 participantes. Organizado pelo Autor, Nov. 2017

Desta forma, Sepulcri e Trento [s.d]: identifica cinco forças competitivas, que determinam a intensidade da competição em um dado setor. Assim trazendo algumas destas forças para compreensão de tal problemática.

Nessa perspectiva, mostra-se dentre esses fatores uma melhor compreensão para tratar da competitividade vista no setor de comercialização da Feira Livre, as ameaças de novos concorrentes que possivelmente seja a maior força competitiva. Assim, (*ibidem*) afirmam:

Ameaças de novos concorrentes: trata-se da dificuldade ou facilidade que um novo concorrente pode sentir ao começar fazer negócios em um determinado setor. Evidentemente, quanto mais difícil for a entrada, menor será a concorrência e maior a possibilidade de lucros a longo prazo. Porter identifica sete barreiras que dificultam a entrada de novos concorrentes no

mercado, sendo elas: economias de escala; diferenciação de produtos; exigência de capital; custos de troca; acesso aos canais de comercialização; desvantagem de custo independente de escala e política governamental.

Pensando ainda na movimentação diária de pedestres, em apenas observação dos produtos, sem realizar compras Dolzani e Jesus (2004 *apud* COUTINHO et al. 2008. p.2) diz:

A feira se configura também como um local de encontros e lazer, o que a torna um fato social com características peculiares. Nela as pessoas se encontram, trocam informações, fazem articulações políticas ou simplesmente se divertem.

Visando esse ponto, trazer a relação existente entre os que fazem esses espaços se faz importante para se compreender a resistência em permanecer existindo, segundo afirma Chaves (2011, p.22):

Nas feiras as relações sociais são visíveis e muito diferentes, podendo variar de lugar para lugar, percebe-se essa relação quando há uma aproximação do vendedor com o comprador no momento da comercialização, e também na interface entre a vida urbana e rural, onde são caracterizados de acordo com seus diferentes valores e hábitos.

Como na modernização e no modo de produção vigente a concorrência é uma característica central, a Feira Livre de Barro- CE, em especial o setor de frutas e verduras, vem apresentando uma menor procura dos produtos, ao passo em que ocorreu simultaneamente o surgimento de novos mercados de comercialização como supermercados e frutarias, os quais trazem novas formas de comercializar esses produtos com preços e qualidades diferenciadas, o que pode ser um fator de ameaça à Feira Livre considerada. Segundo Sepulcri e Trento [s.d] , p.2 diz:

A ameaça de produto ou serviços substitutos: Porter observa que os produtos são ameaças, não somente quando são uma alternativa para o comprador, mas também quando possibilitam uma melhoria expressiva na relação preço/desempenho.

A feira livre influencia na modificação do espaço urbano, na sua forma socioeconômica. Santos (2008) afirma que no circuito inferior a fonte de abastecimento para o lugar vem do próprio lugar, então sem dúvidas o incentivo à agricultura familiar vem a ser uma possível solução para uma diminuição desta retração da Feira investigada. Contudo, necessitamos identificar e mapear o tipo e a origem dos produtos comercializados, assim como daqueles que, na Feira comercializam seus produtos.

Desta forma a modernização tem demonstrado um indicador de diminuição do espaço da Feira Livre, observado a partir do índice baixo na geração de trabalho e renda, por outro lado, novas formas de comercialização têm surgido na área circundante à Feira, trazendo outros mecanismos de atração para o consumidor, o que foi um dos itens investigados por essa pesquisa.

Tomando como exemplo o fator confiança, uma vez que o melhor armazenamento dos produtos, variedades em produtos, e mais acessibilidade ao consumidor em relação ao produto, sendo que a Feira por parte ainda traz preocupação quanto à higiene e saúde do público consumidor. Conforme Sepulcri e Trento [s.d] p.3:

A rivalidade entre os concorrentes existentes no setor: para Porter o nível de competição em um setor é moldado pela rivalidade existente entre os competidores. Ela é mais intensa em um setor onde predominam as seguintes condições: o número de empresas competindo é grande ou o porte e/ou recursos das empresas que competem são relativamente iguais; o crescimento do setor é lento; as empresas têm altos custos fixos; as empresas têm alto custo de armazenagem; as empresas sofrem restrição de tempo para venda do produto; o produto ou serviço é visto como uma *commodity*, para a qual o comprador tem diversas opções, e o custo de troca de marca ou de fornecedor para o comprador é baixa; a capacidade deve ser acrescentada em grandes incrementos; os concorrentes têm estratégias, origens, personalidades diferentes; há muito em jogo; as barreiras à saída são altas.

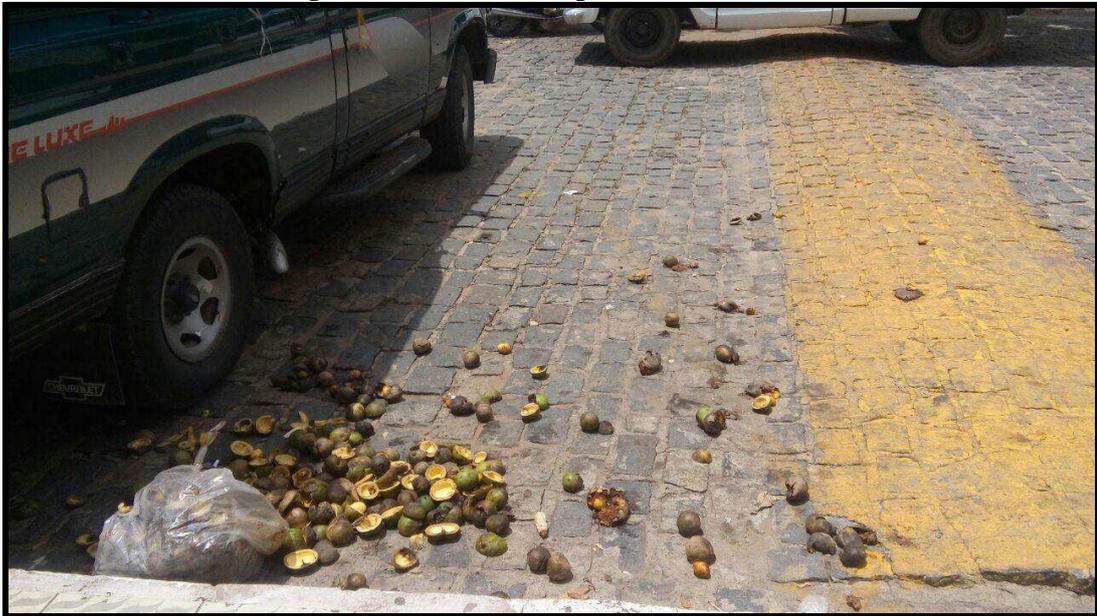
Entrando em outro possível fator desta problemática, é pensar a higiene dos produtos, também como força de causa, pois nem sempre se disponibiliza de necessidade exigida para armazenagem e exposição dos produtos, com má estrutura de barracas, causando uma desorganização, segundo Correia e Roncada(1997):

A comercialização de alimentos de origem animal em feiras livres, expostos em barracas sem refrigeração, sem proteção e na presença de poeira e insetos pode alterar a qualidade do produto. Alimentos crus, comercializados em feiras livres e mercados públicos podem ser veículos de contaminação de microrganismos causadores de toxinfecção, desta forma, colocar em risco a saúde do consumidor.

É sabido por todos que há uma dificuldade do acesso à água na feira livre para se realizar os procedimentos higiênicos, a falta de caracterização adequadas dos feirantes, onde os manipuladores não utilizam gorros, luvas ou vestimenta adequada à comercialização e manipulação de alimentos também configura um problema, ainda há o problema com restos de frutas que são jogados no entorno das barracas que conseqüentemente atrai insetos, trazendo uma maior preocupação com a saúde do consumidor.

A seguir, temos um exemplo, imagem tirada do entorno de uma das barracas de alimentos, onde cascas de pequi estão jogadas ao ar livre.

Imagem 02 – Resíduos depositados ao ar livre..



Fonte: Arquivo Pessoal

Outra cena presenciada foi a de um esgoto com problemas em sua funcionalidade, que se encontrava ao ar livre, exalando odor e atraindo insetos, ao lado de barracas de alimentos, ou seja, está comprovado que a estrutura em que se encontra a feira, está inapropriada para comercialização de produtos alimentícios.

A seguir podemos observar um feirante tentando consertar o problema (Imagem 03).

Mesmo diante essas realidades, a feira continua demarcando território, imposta pelo capital, na necessidade de geração de renda de comerciantes e agricultores, mostrando assim uma das suas formas de resistência, pois a cada segunda-feira, centenas de pessoas se direcionam até a feira, vindos de comunidades do próprio município e até mesmo de cidades vizinhas, seja para venda/troca de produtos, o próprio consumo, ou até mesmo para visitar a esse espaço.

Imagem 03 Feirante consertando esgoto



Fonte: Arquivo Pessoal

No item 1.3, traremos as territorialidades em que a feira se insere, onde de forma capitalista estão inseridos os minimercados e os mercados de rua, trazendo uma discussão voltada às estruturas de comercialização.

1.3 Territorialidades da Comercialização no Município de Barro, Ceará: dos Mercados de Rua aos Minimercados como Estruturas Capitalistas de Comercialização

Diante das formas e necessidades postas pelo capitalismo, com o período técnico-científico-informacional, a cidade começa a se expandir, ganhando proporções maiores e caracterizando razões às novas necessidades de buscas de produtos, sendo formada uma teia de comércio, os mercados de rua deixam de ser os únicos de grande proporção e busca, dando lugar a novas formas de comercializar produtos, caracterizando os minimercados como os novos concorrentes, sendo formas novas de capitalismo, gerando renda para populares do município e de outros municípios que se inserem no circuito. Para Santos (2013, p.40):

[...] independente do nível de crescimento, a maioria das cidades possuem duas áreas de mercado, uma representada pela realidade “nova”, “moderna” e outra com gostos “tradicionais”, “primitivos”, que podem ser facilmente identificados, pois estes dois subsistemas econômicos atuam lado a lado, de forma complementar.

Assim, de forma ainda tradicional, é marcante as resistências encontradas na forma de comercialização da Feira Livre no município do Barro. Possivelmente observado, de forma complementar ou não aos minimercados, que passam a ter maior protagonismo na geração de renda e economia para a cidade, onde diferente da feira passam a oferecer produtos com mais qualidade, formas de pagamento diferenciado, o que faz com que ele tenha uma maior busca e aceitação por moradores da sede do município. A seguir, podemos ver alguns tipos de produtos que nela são comercializados, que caracterizam a feira como tradicional:

Imagem 04 Exposição de quinquilharia, produto tradicional na feira.



Fonte: Arquivo Pessoal

São visíveis que esses produtos marcam a forma tradicional de ser da feira livre, de outro lado, os minimercados são marcadores pela modernização no espaço urbano, abrangendo um público alvo com mais recursos, uma vez que essas classes buscam um maior conforto e variedade de produtos, enquanto a feira ainda é ponto de encontro para as classes menos favorecidas economicamente, que buscam produtos mais baratos para seu consumo.

Em relação a territorialidade, assim como temos a grande, a média e a pequena cidade, sendo que elas não podem ser entendidas como sendo homogêneas, as feiras também não podem, elas por sua vez, tendem a ter suas características distintas, observando essas duas realidades, ou melhor, dizendo, esses dois territórios; notaremos a complexidade de relações materiais e imateriais que os caracterizam, em uma totalidade, constituindo o espaço. Desta forma, seguindo a perspectiva de Santos (1978), se faz necessário pensar esse espaço em que se insere a feira livre como totalidade, ou seja, como um conjunto de relações que se encaixam através de funções e formas apresentadas historicamente por processos, tanto do

passado como do presente, formas são modificadas; novas funções são assumidas, em partes, formas permanecem, mudando apenas a função, assim, os mini mercados tomam conta de espaço que antes não se tinha valor, agregando valor e surgindo uma nova opção.

Para Santos (1978), “a utilização do território pelo povo cria o espaço”, ou seja, a criação do espaço nos anos em que está o recorte temporal, se fez fragmentado, onde se pode observar através da história oral e até mesmo através de observações feitas durante o tempo, onde o espaço se encontra modificado, vezes em movimentação constante, onde essas mudanças são para a população um agravante, no sentido de conturbação, falta de estrutura que comporte o crescimento, mas de outro lado da fragmentação, podemos observar o crescimento econômico que junto às mudanças, trás para o município.

Podemos observar essas mudanças através da visão dos consumidores e feirantes. Na tabela a seguir os feirantes identificam a retração significativa da feira, já o consumidor, identifica alguns dos possíveis problemas para a problemática, onde afirma encontrar problemas na feira. As perguntas foram feitas a 30 feirantes e 20 consumidores, trazendo para a construção do texto as respostas que fazem relação à problemática.

Quadro 02 – Perguntas realizadas ao consumidor e ao feirante

- VOCÊ OBSERVOU ALGUMA RETRAÇÃO NA FEIRA?
“Grande, a feira era maior”
Muito grande, a comercialização baixou de 100% pra 30%, movimento caiu muito”
“Grande, possivelmente 50%, mais que a da cidade de Mauriti”
“Diminuiu 50% ou mais”
CONSUMIDOR - HÁ PROBLEMAS NA FEIRA?
“Falta de organização”
“Pouca gente”
“Sim, não vende como antes”
“Cedo acaba, a gente não vem cedo por causa do trabalho, chegando aqui tem poucos produtos”

Fonte: realizada com 50 participantes (30 feirantes e 20 consumidores) Organizado pelo Autor, Nov. 2017

Assim, podemos concluir através da interpretação dessas falas, que de certa forma, a feira passa por um processo de modificação em relação a sua estrutura, de forma que o território passa a se modificar, assumindo assim novas formas quando passamos a considerá-lo como sendo delimitado, onde é através de relações de poder construído e desconstruído por grande parte da população inserida nele, que territorializam através de ações com o passar do tempo.

Na comparação abaixo, podemos ver em duas décadas as mudanças representadas, em certa imagem, que a feira sofreu, em relação à questão territorial, abaixo podemos ver a comparação em relação ao início, em 1940, 1998 e 2000, onde através da linha vermelha, podemos ver as mudanças ocorridas no espaço destinado à feira.

Na figura 01 feira livre se encontrava apenas em uma rua, onde em pequena escala, nas proximidades do mercado central, que na época era apenas um galpão destinado a local de apoio dos comerciantes, tendo a rua em destaque como local de comercialização, ou seja, a feira livre. A seguir, na figura 02, teremos uma mudanças.

Figura 01 - Feira Livre no ano de 1940



Fonte: Google Earth Pro
Autor: Kaiame Leite Araujo (2018)

Figura 02 - Feira Livre no ano de 1998



Fonte: Google Earth Pro

Autor: Kaiame Leite Araujo (2018)

Na figura 02, já no ano de 1998, com o aumento das comercializações e das relações econômicas criadas com outras cidades, o espaço destinado à feira cresce, ganhando escala maior na cidade, passando a ocupar uma proporção maior em escala.

Figura 3 - Feira Livre no ano de 2018



Fonte: Google Earth Pro

Autor: Kaiame Leite Araujo (2018)

Já na figura 03, em análise, vemos a perda territorial que a feira sofreu, podendo ver que o espaço antes destinado se resume apenas as ruas que cercam o mercado central.

Como podemos observar, a feira circula em ruas do Centro da cidade, onde modificou-se em relação territorial de algumas ruas, se deslocando no período histórico, desde sua consolidação, até os dias de hoje.

2. COMERCIALIZAÇÃO NA FEIRA LIVRE DA CIDADE DE BARRO, CEARÁ

Pensar a feira como transformadora do território na qual se insere se faz importante, no que diz respeito à geração de renda e na movimentação na/da economia do local de sua inserção. Faz-se necessário pensar nos fatores que vem causando suas modificações e para esse fim, iremos nos remeter a questões históricas, tanto da cidade como da feira no geral. Na cidade do Barro, a feira é uma referência para a população, tanto como forma de comercialização quanto na sua forma de convívio de pessoas, sendo ainda referência no comércio da região, por abrigar uma variedade de produtos e chamar a atenção de comerciantes de cidades vizinhas. Neste capítulo, trataremos discussões em relação à comercialização na feira do Barro, onde teremos a dinâmica comercial, o perfil dos sujeitos envolvidos e os tipos de produtos nela comercializados.

2.2 O Município de Barro-Ce e a Dinâmica Comercial Regional

Considerando que a feira livre é referência para regiões vizinhas, faz-se necessário à compreensão da problemática que nela se instalou, sendo uma forma antiga e que resiste diante todas as intempéries. Como forma histórica, na cidade de Barro, temos a feira livre com uma forma de resistência de uma cultura presente em todo o mundo.

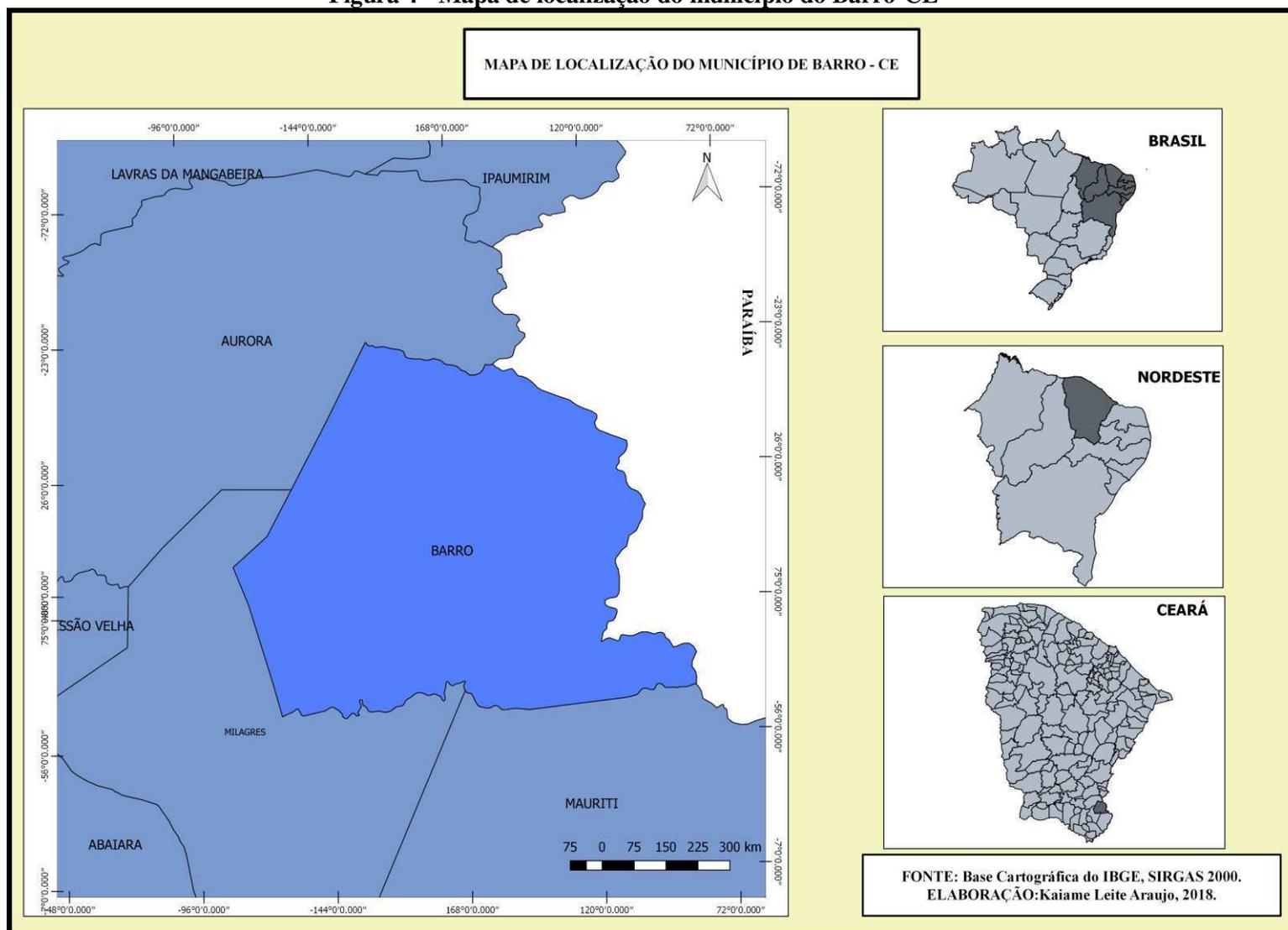
Emancipado politicamente em: 22 de novembro de 1951, o Município de Barro-CE, atualmente contendo 22.440 habitantes, segundo o Censo IBGE 2017 (BRASIL, 2017), a sua área de unidade territorial por km² segundo Censo 2016 (BRASIL, 2016) é de 711,887 e sua densidade demográfica (hab./km²), de acordo com o Censo 2010 (BRASIL, 2010) é de 30,22, estando presente na mesorregião do Sul cearense, por sua vez, em dimensões regionais, o Barro faz limite com Aurora ao Norte; Mauriti ao Sul; Estado da Paraíba ao Leste e a Oeste com a cidade de Milagres, cidades estas que se influenciam na questão econômica com a cidade do Barro, a feira, ainda com suas problemáticas apresentadas, ainda tem influência sobre a cidade de Milagres, Mauriti e Aurora, pois comerciantes dessas cidades se dirigem até o Barro para realizar a compra e venda de produtos.

A Feira Livre, por sua vez se consolidou antes mesmo da emancipação da cidade, a qual se originara na década de 1940 e surgiu com essa perspectiva, de troca de produtos por

comerciantes e populares no geral; do Distrito sede e de regiões circunvizinhas, onde fixou-se na segunda-feira como dia de maior comercialização. Mantendo seu funcionamento entre 05h00min às 17h00min.

No mapa a seguir, temos especializado a localização do município, facilitando a compreensão Acerca da localização do município.

Figura 4 - Mapa de localização do município do Barro-CE



Fonte: Base Cartográfica do IBGE, SIRGAS 2000.

A Feira Livre do Barro-CE, por sua vez, sendo referência regional, ganha seu ponto fixo, localizando-se no centro da cidade. Através de investimentos políticos, ganhou um galpão como sendo a sede do Mercado Central, onde se concentra em seu redor pontos comerciais fixos, aumentando a variedade de produtos num só local e, gerando algumas facilidades para os consumidores, por conseguinte, concorrendo simultaneamente com a Feira Livre.

Desta forma, constitui-se um mecanismo relevante na relação campo/cidade, pois é responsável pela geração de trabalho e renda para agricultores e comerciantes, porém com o passar dos anos e a modernização nas distintas formas de comercialização, esta Feira Livre, mesmo apresentando expansão territorial maior, vem sofrendo considerável retração.

Diante do exposto é notório que existem fatores que possibilitaram essa retração, como por exemplo, os horários de comercialização, o aumento ou a diminuição do espaço destinado à Feira com variabilidade nos dias de feira. São esses fatores que vêm sendo observado no local, ao longo do recorte temporal adotado na pesquisa, qual sejam os últimos 15 anos.

Na imagem a seguir, podemos ver um pouco da dinâmica de competitividade existente na feira onde duas formas de comercialização estão perceptivelmente competindo entre si; onde uma loja fixa propõe ao consumidor produtos melhor apresentados, mais atrativos e organizados, já a sua frente, uma barraca da feira, onde roupas estão expostas de forma desorganizada.

Imagem 05 Duas formas de comercializações de roupas encontradas.



Fonte: Arquivo Pessoal

As referências e observações para tais análises têm como motivação inicial a inserção do autor como morador da cidade, na qual buscamos compreender sua dinâmica geográfico-política, especialmente a partir da Feira Livre, como um setor de comércio de grande importância para a economia local, vista como um marco cultural reconhecido por muitos como setor de geração de trabalho e renda, mas também utilizado por muitos como lugar de encontro.

Durante anos, a feira vem passando por drásticas modificações, afetando as suas formas de fazer comércio. Lojas fixas tomam conta de prédios que circunvizinham a feira, trazendo de forma mais atrativa, em relação a preços, produtos que passam a ser competitivos com os que se encontram nela. Assim, a economia da cidade pauta-se em grande parte nas atividades ligadas à produção, ao comércio e aos serviços ligados a essa economia.

Quando se trata de dinâmica geral de comercialização, quando relacionamos a enfoque regional, o comércio do Barro passa a sofrer pela referência de cidades polos, como a comercialização na cidade de Juazeiro do Norte, que passou, nos últimos anos a ter um aumento de fluxo de barrenses à procura de produtos com diferenciação em preços, qualidade e variedade.

Por sua vez, a cidade de Juazeiro do Norte, tornou-se a maior referência em comercialização regional, à cidade abriga não só o polo de comercialização, mas também o polo industrial, o que torna a cidade mais atrativa, levando também em consideração o turismo religioso, onde se tem a figura de Padre Cícero como patrono religioso, assim a

cidade desenvolveu-se com maior escala em relação a outras da região do Cariri Cearense.

Durante a pesquisa, pudemos ver comerciantes de outras partes da região, como de Barbalha, que se tornou um polo de referência na área da saúde, torna-se também um ponto forte de comercialização, pois necessita de um comércio forte para dar abrigo a pessoas que procuram os recursos da saúde na cidade, sendo também uma cidade atrativa para o turismo aquático, pois a mesma abriga um parque aquático de grande atratividade para turistas não só da região.

Outra cidade que passa a destacar-se no comércio regional e que também abarca uma qualidade melhor de saúde, é a cidade de Brejo Santo, essa última tem em primeira instância o vínculo com a cidade do Barro, tornando-se assim a cidade mais próxima não só em Saúde, mas em comercialização, onde diversas lojas trazem preços acessíveis, fazendo com que várias pessoas se direcionem diariamente a ela a procura de compra e venda de produtos.

Em menor escala, a cidade do Barro, tem sua ligação com parte da comercialização com o município de Mauriti. Para esta cidade a comercialização não se faz tão importante na dinâmica regional, mas se faz pela existência de uma agência bancária da Caixa Econômica Federal, que é a agência mais próxima, esse fator faz com que moradores do Barro, se direcionem até ela para se utilizar de seus serviços, assim a cidade tem sua atratividade na comercialização quando se trata de preços, tendo seu papel na comercialização regional.

Desta forma, a comercialização regional com o município do Barro está bem ligada, pois cidades que trazem desde atrativos turísticos, passando por referência regional, até a referência de comercialização estão bem ligadas, formando assim um circuito de valores de trocas em forma de comercialização, onde não só produtos são comercializados, mas também alguns serviços essenciais. Passando assim, a se ter uma necessidade de compreensão a cerca do perfil dos sujeitos que fazem parte da construção e vivência da feira livre, o que estará presente no item 2.2.

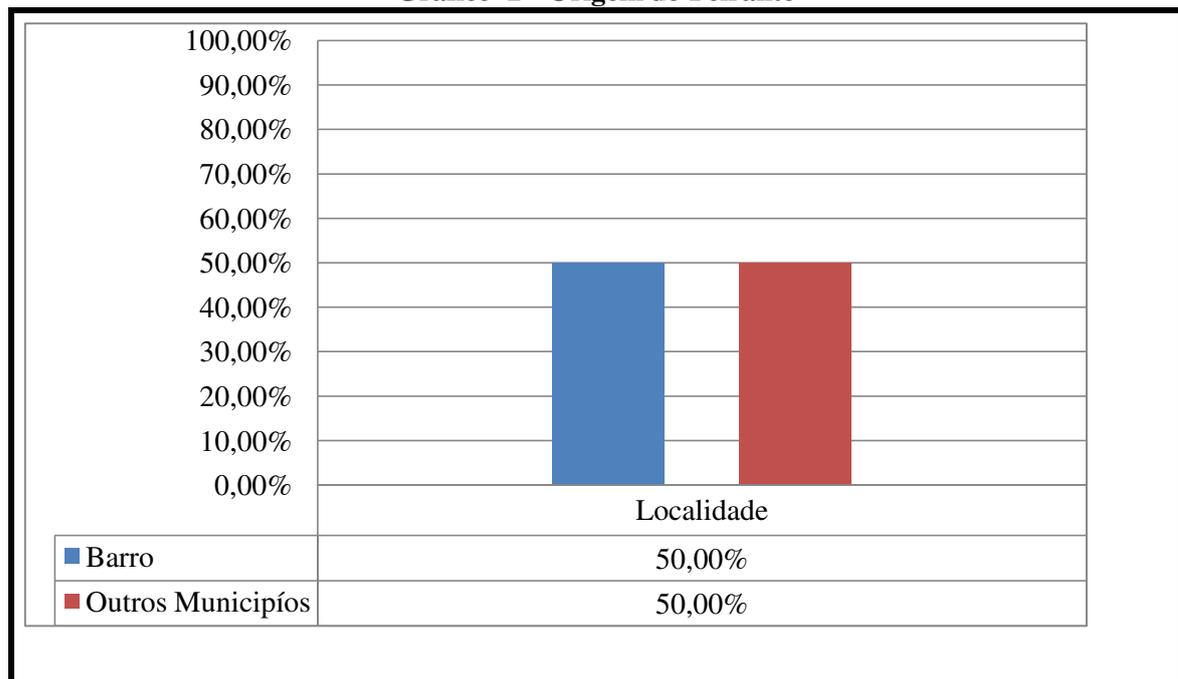
2.2 Caracterizando o Perfil dos Sujeitos Comerciantes e Frequentadores que Fazem a Feira

No decorrer dos anos de atuação da feira como modelador do espaço e das dinâmicas de economia do Barro, oriundos de idas e vindas de comerciantes, podemos observar, comerciantes de outros municípios, que têm como forma de obtenção de renda apenas a feira, trazendo para cidade uma transformação quando se trata do espaço e de certa forma de resistência dessa atividade, pois quando existe uma clientela fixa que permanece buscando produtos da feira, é um sinal de que a mesma ainda resiste.

Diante as pesquisas realizadas, podemos observar que os que fazem a feira, enquanto feirantes são comerciantes vindos também de outros municípios, segundo eles, não se fazem feiras apenas no município do Barro, mas também em Mauriti-CE, Cajazeiras-PB, Cachoeira dos Índios- PB, e até mesmo alguns deles são donos de mercados fixos em sua cidade natal.

No gráfico a seguir, podemos observar a paridade em relação a entrevistados quando se trata de suas origens.

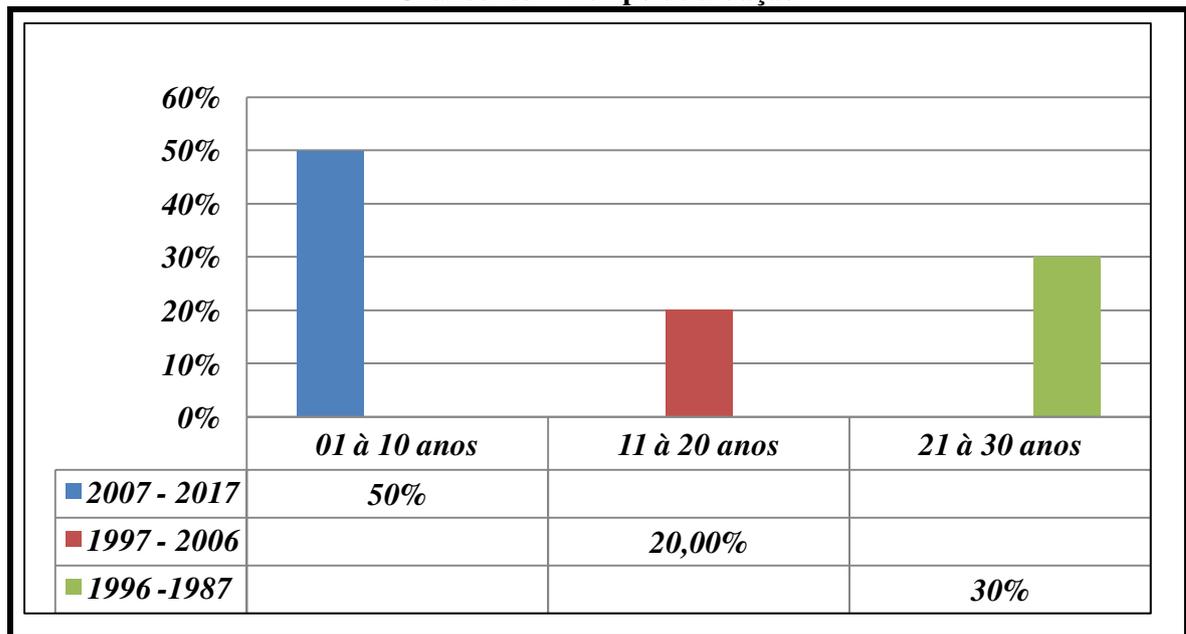
Gráfico 2 - Origem do Feirante



Fonte: Pesquisa Direta realizada com 30 participantes. Organizado pelo Autor, Nov. 2017..

Assim, podemos observar que os sujeitos que participaram da pesquisa de campo 50% eram originários do Barro e os outros 50% eram originários de outros municípios, deixando claro que a feira tem um dinamismo quando se trata de relação com os sujeitos comerciantes, vindos de outros municípios. Já no gráfico a seguir, podemos observar o tempo de atuação na feira em que esses feirantes se inserem:

Gráfico 03 – Tempo de atuação



Fonte: Pesquisa Direta realizada com 30 participantes. Organizado pelo Autor, Nov. 2017..

Já quando se trata de tempo de atuação, podemos observar que na sua maioria, são vendedores mais recentes, durante a pesquisa, 50% dos comerciantes tem apenas de 01(um) a 10 (dez) anos de comercialização, ou seja, são comerciantes que não puderam observar a diferenciação quanto às mudanças que a feira sofreu. 20% (já em número mais reduzido) puderam observar a mudança, pois estão entre 11(onze) e 20 (vinte) anos de atuação na feira. Por último, 30% dos comerciantes investigados, têm entre 21(vinte e um) e 30 (trinta) anos de atuação na feira, ou seja, esses foram os que mais presenciaram as mudanças sofridas, onde o que eles mais alegam é o tempo de mudanças e de dificuldades que passaram a enfrentar, como por exemplo, a queda na diminuição da comercialização. Mas não só de feirantes se fazem as feiras, apenas a troca de produtos entre eles não seria capaz de movimentar a economia local, entrando nesse contexto o papel do consumidor, em muitas vezes apenas frequentadores, mas que fazem a feira e perpetuam sua importância para a cidade.

Durante a segunda feira, um grande fluxo de carros tomam conta da cidade, carros esses vindos em sua maioria de distritos/sítios como Cuncas, Iara, Santo Antônio, Engenho Velho, Sítios Novos, Balsamos, Serrota, Brejinho, Raposa, Catolé e até mesmo pessoas de sítios/distritos e do próprio município de Milagres, Mauriti, Aurora, assim fazem da feira um ponto de convívio. Podemos observar nas imediações do “mercado de Dona Rosalva”, lugar em que carros conhecidos por “carros de linha” têm como ponto de partida e parada, assim concentra-se nesse ponto o maior fluxo de pessoas vindas de fora.

Os que frequentam a feira, vindos de fora em sua maioria são pessoas mais velhas, que se direcionam até a cidade para realizar atividades vinculadas a bancos, questões de saúde, e até mesmo encontros, partindo para comercialização, esses consumidores passam a fazer compras “mistas”, onde parte dos produtos são da feira e parte é de comércios fixos, temos um exemplo do Supermercado Severo, que não se encontra mais nas imediações da feira, mas que passou a ser atrativo ao consumidor, no entorno de 4 anos o supermercado estava na rua principal da feira, e foi lá que ele começou a fazer-se presente nas compras dos comerciantes, com a sua nova estrutura, trouxe mais qualidade e diversidade de produtos, preços que variam e trazem ofertas diárias para os clientes.

Outro ponto de grande fluxo feito por frequentadores da feira é o mercado de Variedades, conhecido por “Gogó”, lá se encontram os mais diversos produtos para utilidade pessoal, diária, quinquinharias, ou seja, produtos tidos como variáveis e com preços acessíveis, assim, os frequentadores da feira tem uma grande variedade de produtos fixos nesse lugar, fazendo de lá um ponto muito procurado pelo consumidor, que vem para a feira.

Na foto a seguir, podemos observar a facilidade de encontro em que o frequentador da feira tem em relação a feira e ao “Lojão das variedades”:

Imagem 06 – Lojão das Variedades nas proximidades da Feira



Fonte: Arquivo Pessoal

Assim, a relação sujeito comerciante/feirante/consumidor, torna-se uma relação muitas vezes de amizade, fazendo da feira esse ponto de relações, pelos que a fazem e frequenta. Onde pessoas vindas de outras cidades tem a possibilidade de se relacionar com pessoas do

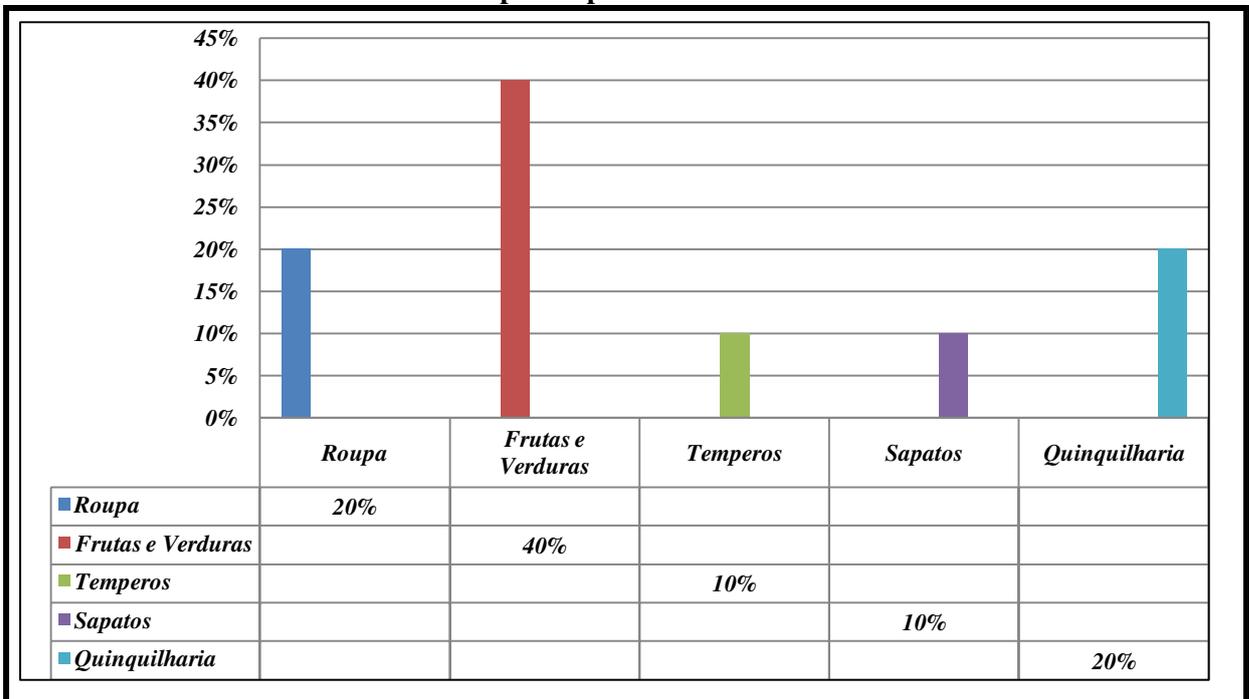
próprio município em que esta inserida a feira e com pessoas de comunidades do município do Barro.

2.3 Os Tipos de Produtos, as Origens dos Produtos Comercializados e dos Vendedores que nela Comercializam

Em sua variedade, a feira possui produtos de vários tipos que passam a ser comercializados, abrangendo necessidades de ambos os gostos, produtos que se encontram muitas vezes se diferenciam em qualidade dos que encontramos em pontos fixos, mas que tem valor mais acessível, assim a feira tem essa como uma das suas características.

No quadro abaixo, podemos observar alguns dos produtos que são comercializados nas mais de 70 barracas:

Gráfico 04 - Tipos de produtos comercializados.



Fonte: Pesquisa Direta realizada em 73 barracas. Organizado pelo Autor, Nov. 2017..

Como se observa no gráfico acima existe uma variedade em relação aos produtos que na feira são comercializados, dentre eles, podemos observar que os produtos que dominam as vendas, são os

do ramo alimentício como: frutas, verduras e hortaliças, caracterizando assim a ligação direta da produção agrícola com a comercialização.

Em sua maioria, produtos alimentícios são originados de outros estados como a Bahia, estado de grande produção, devido aos incentivos e tecnologias utilizadas para produção. O segundo estado mais citado como originário dos produtos é o Pernambuco, estado no qual também existe grande comercialização de produtos alimentícios. Ambos por estarem em contato com irrigação advinda das águas do Rio São Francisco, característico por ser um dos maiores do país. Percebe-se que não só a produção com irrigação de grande porte é a produtora dos produtos, ainda é possível encontrar produtos vindos da agricultura familiar do próprio município, que embora sem muitos incentivos que garantam a produção em maior escala, se torna a única renda familiar de muitos. A seguir, podemos observar parte do espaço reservado para comercialização desses produtos:

Imagem 07 - Espaço reservado à comercialização de frutas, verduras e hortaliças



Fonte: Arquivo Pessoal.

Seguindo com as discussões dessa pesquisa entram em foco outros setores abrangentes de comercialização, o setor de vestuário, esse sem dúvidas é um dos que mais sofre quando se trata de competitividade, pois, em grande escala, o município recebeu, nos últimos anos, uma grande quantidade de pequenas lojas que comercializam esse produto, estando muitas delas localizadas nos arredores da feira.

Esse setor é composto por roupas que variam desde preços baixos a qualidade diferenciada, mostrando que existe, para as barracas, um grande competidor quando se trate desse ramo. Esses produtos são originários, em sua maioria, do próprio estado; vindos de

Fortaleza e Juazeiro do Norte, polos comerciais de grande influência em relação a esse tipo de produto. Outras cidades citadas como fornecedoras desses produtos são: Caruaru-PE, Santa Cruz-RN, dentre outras com menos influência.

Na imagem a seguir, observamos parte do espaço utilizado para comercialização de vestuário, na foto observamos também o desmonte de uma barraca, a imagem foi tirada ao meio dia, horário em que antes podia se ver ainda a feira em grande movimentação.

Imagem 08 - Espaço utilizado para comercialização de roupas



Fonte: Arquivo Pessoal (2018)

Ainda ocupando junto às roupas, em escala de comercialização, temos as quinquilharias, caracterizadas por serem produtos que existem em abundância em feiras, tornando-se símbolos de comercialização de feiras no mundo todo. Esses são produtos de grande variedade, não tendo um único produto que o caracterize, ou seja, são vários os tipos de produtos que se encaixam nessa categoria, podendo ser encontrados na forma de panelas e artigos de cozinha no geral, artefatos de ornamentação, brinquedos, matérias utilizados em marcenaria e/ou em construções, entre outros.

Na imagem a seguir, observamos alguns exemplares de quinquilharia, vindos de Juazeiro do Norte-Ce.

Imagem - 09 Exemplos de quinquilharia



Fonte: Arquivo Pessoal (2018)

Esses, por sua vez são um dos que menos sofrem competitividade, visto que, na cidade são poucos os comércios que os tragam em diversidade e em um único lugar. Eles geralmente encontram-se na feira de forma visível e de fácil acesso ao consumidor, espalhados no chão das ruas, geralmente trazidos de cidades como Cajazeiras-PB e Juazeiro do Norte- CE.

Na imagem a seguir podemos vê-los, em uma das maiores “bancas” de quinquilharias da feira, produtos esses vindo de Cajazeiras-PB.

Imagem 10 Barraca de quinquilharia de maior escala na Feira



Fonte: Arquivo Pessoal (2018)

A presente pesquisa observou que os produtos menos presentes na exposição, prontos para comercialização são os temperos, produtos que já são tradicionais e que em sua maioria são produzidos pelas famílias da região. Poucas são as barracas que dispõem desse tipo de produto, parte deles vindos de comunidades do próprio município, e parte vindos de outras cidades como: Mauriti- CE, Brejo Santo-CE e Juazeiro do Norte, ou seja, cidades próximas que se destacam Nesse tipo de produção.

Na imagem que segue, podemos ver uma das maiores barracas que comercializa esse tipo de produto, o vendedor não é morador da cidade, ou seja, uma renda que não fica para a economia do local.

Imagem 11 - Produtos oriundos do campo, marcando os produtos tradicionais na Feira



Fonte: Arquivo Pessoal (2018)

Partindo para o último tipo de produto, temos os sapatos/sandálias em geral, produtos que tem poucos exemplares na feira, mas que são bem vendáveis, por serem produtos de qualidade necessária para o uso. Os produtos são originários do Pernambuco, mais especificamente da feira de Caruaru e do Mercado de Rua de Fortaleza- CE, os vendedores das poucas barracas encontradas são de municípios próximos. Podemos ver na foto a seguir, uma das maiores barracas de sapatos das 3 (três) ainda que podemos encontrar, a mesma conta com apenas 1/3 dos produtos expostos, caracterizada por ter sido sempre a maior barraca de comercialização de calçados da feira, ela ocupava dois espaços na rua, hoje apenas um lado da rua é utilizado para sua exposição, o comerciante alega uma queda na

comercialização, visto que na cidade encontra-se lojas com produtos de melhor qualidade, assim, a busca diminui muito em relação as outras cidades.

Imagem 12 - Barraca de comercialização de calçados



Fonte: Arquivo Pessoal (2018)

Podemos assim, observar que a feira ainda traz o seu caráter tradicional, onde produtos que facilmente encontramos em outras feiras pelo mundo, ainda são comercializados na feira do Barro. Outro produto que nos chamou atenção foi a comercialização de animais caprinos, que por sua vez não estão sendo comercializados de forma correta, os mesmos ficam a mercê em espaços sem sombra, sem água ou comida, apenas esperando o consumidor.

Na imagem que segue, alguns animais estão expostos a venda ao lado da Câmara dos Vereadores:

Imagem 13 – Comercialização de animais na Feira



Fonte: Arquivo Pessoal (2018)

Assim, parte dos produtos comercializados são tidos como tradicionais, o que faz da feira um espaço de comercialização de popular, onde populares com perfil e poder aquisitivo de renda baixa procuram para realizar compras, pois é na feira que encontram produtos com preços acessíveis, negociáveis e como problema, observamos a falta de qualidade de alguns. A feira em sua especialidade, se torna ponto de relações, encontros e vivências, no capítulo 3, traremos questões ligadas a essas relações, onde o campo e a cidade constroem essa dinâmica de comercialização.

3. A FEIRA COMO PONTO DE ENCONTRO E SUA IMPORTÂNCIA PARA A DINÂMICA ECONÔMICA REGIONAL

A feira livre ultrapassa as barreiras. Ela não deve ser considerada apenas como forma de economia ou comercialização. Parte da sua movimentação é marcada por uma cultura que a cada segunda – feira vem aumentando. A feira não é apenas um lugar de comércio. A feira se transformou num lugar de relações, encontros e convívio. Feirantes passaram a desenvolver uma relação mais amigável com outros feirantes, por diversos fatores e até mesmo com consumidores, até os próprios consumidores que muitas vezes estão ali apenas como visitantes passaram a transformar esse espaço como ponto de encontro, transformando a feira e um espaço dinâmico.

Neste capítulo, a discussão entorna-se nas relações existentes entre os sujeitos da pesquisa, a relação campo – cidade; a relação dos que fazem e o poder público junto às formas de resistência nela encontradas e junto às práticas de saberes.

3.1 A Relação Campo Cidade a Partir da Feira Livre e o Trabalho nela Realizado como Práticas e Saberes

As transformações observadas no município mostram um processo de produção no espaço decorrente do processo histórico, assim, pensar na divisão territorial do trabalho em ambos os espaços – campo/cidade faz-se refletir sobre a relação existente, onde a partir da feira agregam-se valores diferentes a ambos, complementando um ao outro. O campo, em uma de suas funções encontradas na feira, torna-se produtor de grande parte dos recursos ali comercializados, sendo assim, uma das bases da economia da cidade, que por sua vez, torna se palco sede de um evento semanal, de distintas formas de comércio, encontro e relação de poder. Lima (2011), trás um contraponto a isso, decorrente as influências do capitalismo, essa relação é de oposição.

Ao longo do desenvolvimento da sociedade capitalista, esta forma de caracterizar campo e cidade é a que mais se observa, colocando um em oposição ao outro: “paz x barulho”, “inocência x ambição”, “saber x ignorância”, “comunicação x atraso”. Neste sentido, campo e cidade são explicados como dois polos opostos, gerando uma simplificação que esconde a essência da relação estabelecida entre eles.

Desta forma, essa relação deve-se considerar uma relação de inconstância, marcada por estar sempre se modificando no decorrer dos períodos históricos, que de certa forma são importantes para construção social do espaço.

Assim, podemos dizer que a relação campo - cidade afeta e depende do contexto no qual a feira está inserida e as diferenciações nela encontradas que podem ser identificadas pela explicação no/do modo de vida que a sociedade que produz esses espaços, desta forma, partindo para o entendimento do surgimento dessa relação, é necessário buscar sobre as transformações numa escala maior, que para Souza e Freitas (2016) surge quando:

O Brasil sofreu profundas transformações na dinâmica de ocupação do seu território, impulsionadas pelo processo de industrialização que se desencadeou a partir do decênio de 1930, complementado pelo expressivo processo de urbanização verificado. Esses processos ganharam força nas décadas posteriores e atingiram seu ápice nos anos de 1960 e de 1970, ocasionando, assim, entre outros efeitos, a modernização agrícola e o êxodo rural.

Com a tida modernização agrícola, o surgimento de uma relação em que a cidade passa a necessitar do campo para seu desenvolvimento territorial e econômico, assim, fazendo com que o campo seja de grande importância, mostrando ser o protagonista no desenvolvimento da cidade.

Com o surgimento dessa relação às trocas de produtos passam a dividir espaço com a de saberes, pessoas migrantes do campo trazem consigo sua cultura e seus valores, que estão mais presentes no cotidiano do que correntemente se aponta. A feira passa assim a ser um ponto em que essas relações se mostram presentes, tecendo-se através delas relações de poder, compra, venda, troca de produtos e de saberes.

Na feira do Barro, se pode observar, como sujeito da pesquisa, essas relações, em anos de vivência, comprovando esse modo de trocas diversas através do convívio no espaço destinado a feira, para Alves e Vale (2013)

[...] a relação campo-cidade na organização e produção do espaço deve ser norteadada por segmentos distintos de análise, sejam economicistas, culturalistas, demográficos, ambientais ou sociais.

Assim, o espaço de inserção da feira torna-se construtivo, onde de formas distintas de análise podem estar presentes nas formas de crescimento territorial. Para o entendimento

dessa relação, feirantes em sua maioria são originários de outras localidades, sendo elas distintas, desde cidades vizinhas que por sua vez são e/ou sofrem por ser referência regional para a feira do Barro, ou até mesmo de sítios/distritos do próprio município.

Em sua maioria o campo trás para a cidade, produtos vindos da agricultura familiar, os quais em pequena escala são expostos à venda. Essa pequena escala por sua vez se dá pela pouca produção por medo da perda de produtos, assim a feira torna-se por sua vez, um canal de comercialização desses produtos, que raramente recebem apoio do poder público ou fazem parte de programas de incentivo para essa produção.

Em sua maioria, a agricultura familiar, de forma geral e histórica foi um segmento pouco visto pelo poder público, o que dificulta muitas vezes produtos de boa qualidade, assim as cidades passavam a ter maior investimento em produtos mais capitalizados, deixando o que se produziam em pequena escala pelas famílias e que tinham valores de mercado mais baixos de lado.

É aí que surgem os movimentos campesinos, com intuito de fortalecer lutas de classes por incentivos a valorização da agricultura familiar, o que trazia um laço maior de enfoque para o campo vindo da cidade. E só em 2013, com o governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, surgem políticas de incentivo para essas produções, com metas para incentivar a facilidade de crédito para pequenos produtores, garantia de preço, seguro agrícola, assistência técnica e extensão rural. Surge também o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), políticas de agroindustrialização, de agregação de valor e de geração de renda, ou seja, a produção aumenta a relação e o campo/cidade se fortalece.

Já outros tipos de produtos comercializados, passam a se inserir nessa necessidade em que a cidade oferece e contempla as necessidades do campo, sendo assim, as feiras possuem um grande potencial como espaço de comercialização e relações sociais, bem como em termos de viabilização do comércio local, geração de ocupações/renda e de possibilidades de controle sobre a procedência dos produtos (SACCO DOS ANJOS *et al.*, 2005).

A cidade por sua vez, com seus produtos em minimercados fazem a outra parte dessas trocas, vez que consumidores do campo, se dirigem até a cidade, especificamente com maior fluxo no dia da feira para a compra e obtenção dos produtos neles existentes, ou seja, o campo faz sua parte quando trás seu produtos, que em sua maioria são oriundos da agricultura familiar, onde moradores da cidade encontram qualidade nos produtos, e a cidade faz sua parte nessa troca quando tem, em diversidade, outros tipos de produtos que em sua maioria não se encontram na feira, mas que faz com que a feira seja esse ponto comercial de trocas, ou simbolizado como esse ponto, gerando essa relação existente. Dando continuidade a esse

estudo, traremos as relações existentes entre os que fazem a feira, os sujeitos envolvidos na pesquisa e o poder público local.

3.2 As Relações Existentes Entre Feirantes, Consumidores, Lojistas e Moradores e a Ação do Poder Local

A relação que se dá entre o campo e a cidade com os que fazem e/ou frequentam, ou têm a feira como ponto de encontro, transformando esses encontros em relações, na sua forma de competitividade não é uma relação e muito envolvimento, por mais que seja a feira um competidor para os mercados, ou até mesmo para outros feirantes, em conversas realizadas durante o processo de pesquisa em campo, alguns dos feirantes a relação com outros feirantes e comerciantes fixos é tido em sua maioria como “boa”.

No quadro a seguir podemos observar as respostas, que em sua maioria são curtas, mas que expressam a relação de convívio:

Quadro 3 – Relacionamento entre feirantes e comerciantes fixos

PERGUNTA REALIZADA AOS FEIRANTES: 18. Como é seu relacionamento com outros feirantes e comerciantes fixos?
<i>Relação de amigos.</i>
<i>Bom.</i>
<i>Bom, alguns da mesma cidade.</i>
<i>Somos amigos, um ajuda o outro.</i>
<i>Bom.</i>
<i>Consideravelmente bom.</i>
<i>Bom.</i>
<i>Ótimo.</i>
<i>Bom, existe relação.</i>
<i>Bom, geralmente compra no mesmo lugar.</i>

Fonte: Pesquisa Direta realizada com 30 participantes. Organizado pelo Autor, Nov. 2017.

Já quando o assunto passa para a feira tida como competidora para os lojistas/comerciantes fixos, eles em sua maioria, fazem uma análise da feira como uma forma

atrativa para seus produtos, em grande maioria, eles trazem em suas falas as seguintes afirmações:

Quadro 04 Pergunta - A feira é um possível competidor? Ela traz ameaça para o comércio fixo?

PRODUTO	A feira é um possível competidor? Ela traz ameaça para o comércio fixo?
Frutas/verdura/hortaliças	“Rapaz, eu não vejo a feira como competidor, de certa forma eles trazem os produtos dos mesmos que o nosso, mas sempre tem cliente pra gente”.
	“No meu mercado a gente não perde cliente pra feira, às vezes os clientes encontram coisas na feira que aqui não tem, e coisa que aqui tem que lá não tem”.
	“Geralmente os produtos vem do mesmo lugar, o cliente sabe onde é melhor pra ele, geralmente os preços lá (na feira) são mais em conta do que aqui, outro dia a gente oferece um preço melhor, e assim vamos levando”.
Roupas e Sapatos	“Por aqui ter preço melhor, vejo muita gente optando comprar aqui mesmo, às vezes tem cliente que já chega com algum produto que compra na feira, mas sempre tem uma venda maior no dia da feira”.
	“Não, faz é ajudar a vender mais, pois vem o povo do sítio, o movimento é maior”
	“Depende muito, às vezes eles encontram preço mais barato na feira, aqui os preços são mais altos, pela qualidade do produto, na feira nem sempre tem produtos com essas qualidades”.
Quinquilharia ¹	“Aqui tem muita variedade, geralmente a feira não tem o que tem aqui, o povo procura muito o diferente”.

¹ Quinquilharia - objeto (brinquedo, bijuteria etc.) de pouco ou nenhum valor ou utilidade; bugiganga (mais us. no pl.)

	“Não, a gente trabalha com coisa com mais qualidade, geralmente tem alguns preços na feira que não compensa o produto”.
	“Nunca mudou não, no dia de feira tem mais movimento”.

Fonte: Pesquisa Direta realizada com 35 participantes. Organizado pelo Autor, Nov. 2017.

Para os feirantes, a relação que existe com outros feirantes e/ou com os comerciantes/lojistas fixos é tida em sua maioria como boa é o que se pode observar nas suas falas, questões como amizade de longas datas na feira, serem moradores dos mesmos lugares, ou até mesmo realizarem as compras no mesmo lugar, já os comerciantes/lojistas demonstram em suas falas, na maioria, que a relação maior é com o consumidor, que é em sua maioria o da feira, sendo a feira, uma forma espacial tida como atrativa, onde seus produtos por serem diferenciados em questão de qualidade e diversificação faz com que os clientes busquem as lojas.

Quando partimos para o poder público, vimos um real desacato, onde a limpeza pública do espaço só é feita no final do dia, ou seja, durante o horário de comercialização, nenhum espaço de depósito de lixo nas proximidades da feira é visto, quando se trata de sua organização espacial o mesmo não está sendo levado em consideração, pois barracas são expostas das mais distintas formas, sem que aja uma padronização para melhor tratamento dos produtos onde se observa uma grande dificuldade dos consumidores de transitar por algumas barracas onde produtos são espalhados no chão, muitas vezes expostos a sujeira gerada por barracas vizinhas ou até mesmo a própria barraca. Nos últimos horários da feira, facilmente transitam motos nas ruas destinadas a feira, ou seja, existe uma falta de fiscalização para tal problema.

O poder público por sua vez, cobra uma taxa para todos os feirantes, que segundo eles, varia de acordo com o tamanho da barraca montada. Pouco se vê um retorno desse investimento por parte dos feirantes, os mesmos afirmam que é para limpeza do espaço, assim a prefeitura se torna falha quando a fiscalização, produtos que necessitam de refrigeração, não são devidamente manipulados, expostos a altas temperaturas, poeira, sujeira na rua.

Quando os consumidores são questionados sobre os problemas que encontram na feira, as respostas são: “uma melhor estrutura e até mesmo uma melhor organização quando se trata das barracas”. Quando questionamos sobre uma possível melhoria na feira, eles respondem que “poderia melhorar na organização dos feirantes, em relação a vestimentas, formas de tratar o produto como da própria prefeitura que não realiza fiscalização devida e uma

exigência quando a padronização de barracas”.

Neste cenário alguns dos problemas encontrados na questão de organização faz com que exista certa problemática na relação feirante/consumidor – poder público, porque os problemas encontrados por ambas as partes são de fácil resolução pelo poder público. Não sendo apenas um problema de gestão, pois todos os outros gestores, que antecederam esse, não trouxeram melhorias para a feira.

Durante as últimas visitas realizadas em campo, podemos observar um novo fator que se faz presente na feira, um vendedor ambulante, a qual se insere como comerciante, e não realiza nenhum pagamento ao poder público, ao ser questionado sobre as questões acima citadas, ele menciona que a feira passou por mudanças, e que acha melhor vender como ambulante do que ser comerciante em barracas. Na foto podemos observar o sujeito da pesquisa em sua forma de comercialização. (foto autorizada)

Imagem 14 – Vendedor Ambulante



Fonte: Arquivo Pessoal (2018)

Já nessa outra foto, podemos observar uma barraca, que pode ser considerada como concorrente para o vendedor ambulante, sendo que o vendedor tem em sua mobilidade uma facilidade e considerável prevalência em relação à barraca que se encontra fixa.

Imagem 15 – Barraca concorrente do vendedor ambulante



Fonte: Arquivo Pessoal (2018)

Esse estudo reflete que a feira é um ponto não só de comercialização e encontros, mas de embates, onde as várias formas de comércio estão diariamente entrelaçadas e que fazem dela um ponto atrativo e de movimentação. No decorrer das várias visitas, outro elemento se fez chamar atenção, onde consumidores estavam sendo “benzidos” por um rezador/curandeiro da cidade, deixando aqui registrado que a feira incorpora várias formas de relações pessoais e de crenças agregadas a valores. Na foto podemos observar um flagrante desses momentos.

Imagem 16 – Rezador benzendo consumidor



Fonte: Arquivo Pessoal (2018)

Diante do exposto percebemos o papel da feira como um lugar de socialização de relações pelos que são e a fazem, trazendo para o consumidor um vasto mundo de buscas; fazendo parte da sua construção não só como consumidor, mas como frequentador, a partir das relações criadas com o todo. Nessa perspectiva, trataremos no tópico 3.3 questões ligadas às essas vivências, onde se encontram as formas de resistência feita pelos sujeitos envolvidos.

3.3 As Formas de Resistência Encontradas pelos que a Fazem e/ou Frequentam

No decorrer de anos, a cidade toma novas formas, cria-se novos espaços, funções que, no decorrer do tempo são modificadas e renovadas, assim a feira passa a ser um elemento que se encontra nesse espaço de modificações, mostrando também as suas mudanças e

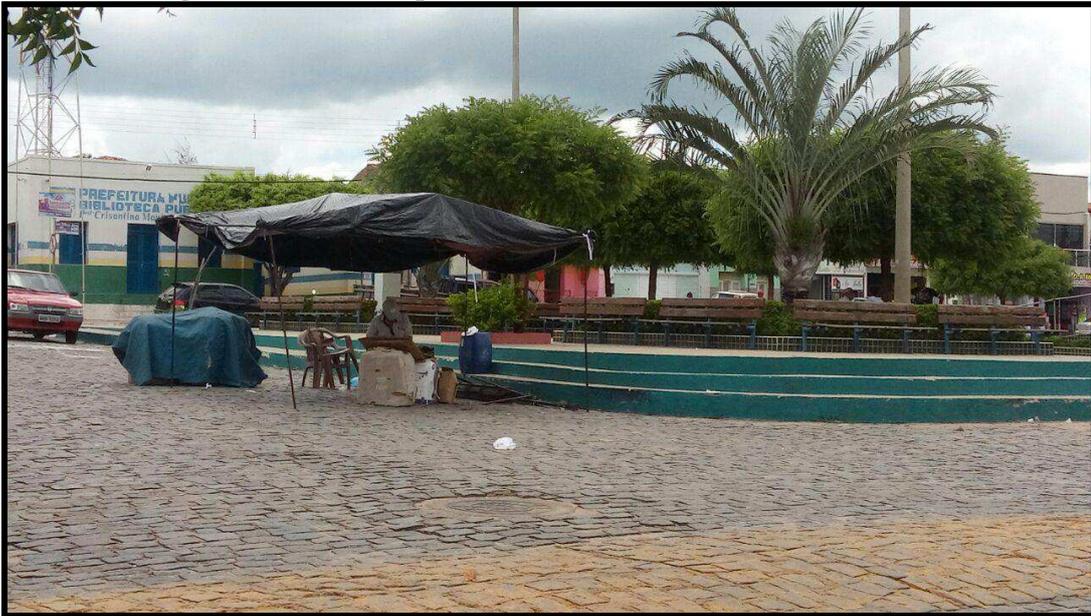
modificações; espaços que a cada novo dia, necessita renovar-se perante uma ideia de novas formas que geram competitividade, assim através de observação *in loco* podemos constatar que a feira é tida como espaço de resistência perante as formas de modernização das várias formas de se fazer comércio, presentes nos seus arredores. Para Andrade 2015:

Com as mudanças ocorridas na maneira de comercializar mercadorias, criaram-se novas centralidades administradas pelo capital privado, que se utiliza do comércio e serviços modernos para o processo de acumulação capitalista. Esses modelos de atividades comerciais monopolizam o mercado estabelecendo conformidade de seus interesses.

Em contra ponto ao visto encontra-se a feira, pois por mais que ela tenha sido considerada como uma forma antiga de se fazer comércio tradicional e ocupe hoje uma menor proporção no espaço geográfico, quando comparada com as feiras do passado, ela ainda está presente como forma espacial, de forma que resiste e persiste mantendo o seu papel de importância para a geração de renda e da economia do município.

A feira dos dias atuais vem se tornando cada vez mais “falha” em relação ao espaço na qual está inserida, no sentido de que barracas deixaram de ser montadas em locais antes já conhecidos pela especificidade do produto, assim algumas das ruas em que antes se tinham grande concentração de barracas, passam a ser apenas um espaço de poucas barracas. Um dos feirantes que tinha 4 (quatro) barracas de calçados montados, hoje só tem 2 (duas), alegando ser pela pouca procura, mas que ainda hoje nos primeiros momentos do dia, ruas são tomadas por centenas de compradores, que buscam a variedade dos produtos. Na foto a seguir, podemos observar um espaço em que antes estava inserido várias barracas, mas que hoje resta apenas uma que resiste ao tempo mesmo com pouca estrutura e produtos diferenciados.

Imagem 17 – Barraca que está inserida como forma de resistência?



Fonte: Arquivo Pessoal (2018)

Por sua vez a feira está inserida no espaço público, mostrando sua relação entre o campo e a cidade, onde fica claro a sua resistência perante as formas de avanço dos processos de modernização capitalista e tecnológica que a cidade passa, mas que claramente sofre com essas formas de modernização. Assim, Andrade (2015) afirma que como um desses processos de modernização, podem citar os supermercados, que, entre esses processos é o que coopera para o agravo e enfraquecimento da feira livre.

Diante dessa afirmação observamos claramente uma retração, que se observa não só na falta de barracas, mas também nos horários que se é comercializado os produtos. Inserido como sujeito da pesquisa pode-se observar horários de modificação que foram comprovados durante as constantes visitas a feira-livre, sujeitos envolvidos também alegam notar modificação quanto a isso.

Perante tanta modernidade, valores ainda são atribuídos à feira, mostrando-se pela quantidade de consumidores e de barracas ainda presentes, na foto a seguir, pode-se observar a feira em um dos momentos de desmonte, onde ainda existe certo fluxo de carros e de pessoas que nem sempre são consumidores, mas que a frequentam, fazendo parte da sua construção.

Imagem 18 – Considerável número de frequentadores/consumidores que fazem a Feira



Fonte: Arquivo Pessoal (2018)

Com esse numero que se mostra considerável de frequentadores, podemos dizer que a feira resiste, visto que a sociedade criou em seus hábitos e costumes a busca pela feira não só como ponto de compra e troca de produtos, mas também como um lugar de encontro, fazendo com que a feira se torne um lugar vivo, atrativo e de grande movimentação.

Mesmo que o movimento de globalização esteja aos poucos sufocando a Feira, os que a fazem ainda resistem de modo a buscar por produtos e pelo seu espaço como um espaço único de trocas de saberes e vivências diversas. Na foto que segue, podemos observar a forma de embate quando a competitividade, onde os mesmos produtos que tem na barraca podem ser encontrados na loja, com sugestão de preço mais baixos.

Imagem 19 – Barraca em frente a loja comercial fixa



Fonte: Arquivo Pessoal (2018)

Partindo desse enredo, podemos observar à resistência no sentido de que mesmo com um competidor presente em seu espaço, a feirante ainda se faz presente, sendo um dos motivos os consumidores vindos de outras localidades na especificidade do dia destinado a feira. Assim, formas de competitividade como esta estão presentes em todo o espaço da feira, ou seja, toda a feira encontra-se em constante disputa, mostrando que o feirante resiste a novas formas de comercializar os produtos de suas barracas.

CONSIDERAÇÕES

Visto que, a feira tem sua importância na construção social, econômica e urbana de uma cidade, a feira livre da cidade do Barro-Ce, tem seu protagonismo nesse sentido, mostrando-se estar inserida no setor inferior de economia, onde suas formas de comercialização, tidas como tradicionais, passam a transformar o espaço em que ela está inserida, a cidade passa a ter um novo perfil econômico, onde a partir da década de 1940 sua inserção passa a se desenvolver.

As mudanças ocorridas no espaço urbano da cidade do Barro, ao longo da sua trajetória passam a ganhar influência econômica, cultural e social, mostrando assim a grande importância da feira livre para o município. Em sua especificidade, encontramos na feira livre da cidade do Barro o contato pessoal e o preço negociável, com vendas e trocas de produtos, das mais vastas formas.

No decorrer dos anos, consta-se mudanças qualitativas consideráveis para a alteração do espaço da feira, onde com as novas tecnologias, se fazem novas formas de comercializar produtos antes só encontrados na feira, desta forma, a cidade passou a alterar-se, dando a feira, como único ponto de comercialização popular, novos embates, agora não mais as questões econômicas dos consumidores é mais o problema para a busca dos produtos, mas também os novos competidores, identificados como lojas e supermercados fixos.

Durante análise dos dados e observações feitas na feira, pudemos constatar várias características do perfil dos sujeitos que a fazem, onde perfis que predominam no circuito inferior da economia, são facilmente identificados, outro fator que podemos constatar foram: os motivos para a baixa renda de alguns feirantes, onde por muitas das vezes se dava pela falta de estudo ou qualificação profissional, a grande maioria da mão de obra utilizada nas distintas formas de comercializar ainda é familiar, os empregos que ela oferece são informais contendo baixa remuneração, o crédito pessoal fornecido e encontrado, ainda se dá por causa da relação de amizade e efetividade construídas pelos sujeitos, os preços por sua vez estão sempre sujeitos a mudanças e oscilação que por sua vez depende da mediação entre o comprador e o vendedor e também pelo horário da comercialização, os estoques que são oferecidos, sempre são reduzidos, havendo sempre a necessidade da renovação semanal ou mensal, por fim, nas análises feitas, podemos ver que as relações entre os feirantes e os consumidores são satisfatórias.

Perante a realidade que podemos observar e das análises de dados coletados, os

problemas de infraestrutura, seguindo dos de higiene, os de caráter administrativos, a falta de políticas de incentivos aos feirantes, são os principais fatores que vem comprometendo a continuidade e existência da feira da cidade do Barro-CE.

Diante disso, através das complexidades a cerca da temática, na feira livre do Barro-Ce apresentam-se inúmeras e distintas possibilidades de pesquisa, onde podem ser analisadas sob a discussão dos mais vastos campos científicos.

Sendo assim, os resultados e discussões obtidos com a análise dessa pesquisa foram sem dúvidas satisfatórios, pois o estudo a respeito da feira livre do Barro será de grande relevância para o entendimento dos fatores que afetam e constituem a ordem econômica, social, política e cultural que se desenvolvem na feira, partindo também dos pressupostos que englobam os fatores de resistência e transformações que cercam a feira.

Espera-se que através das modificações futuras e modernização esta pesquisa seja apenas uma introdutória em relação a Feira Livre da cidade do Barro-Ce, podendo assim, ser utilizada pelo poder público afim de criar políticas de incentivo as formas de comercialização que na feira se encontram, podendo também ser utilizada para projetos futuros de elevação a formações superiores.

REFERÊNCIAS

ALVES, Flamarion Dutra; VALE, Ana Rute do. **A RELAÇÃO CAMPO-CIDADE E SUAS LEITURAS NO ESPAÇO**. Boa Vista: ACTA Geográfica, 2013. 39 p.

ANDRADE, Alexsandra Araújo de. **A FEIRA LIVRE DE CAICÓ/RN: um cenário de tradição e resistência às novas estruturas comerciais modernas**. 2015. 48 f. monografia (Bacharel em Geografia)- Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó-RN, 2015. Disponível em: <https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/1838/4/A%20feira%20livre_Monografia_Andrade.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2018.

CAPISTRANO, D. L. et al. **Feiras livres do município de São Paulo sob o ponto de vista legislativo e sanitário**. Revista Higiene Alimentar, São Paulo, v. 18, n. 116/117, 2004.

CHAVES, Gilvando Rodrigues. *apud* SANTOS 2008. **Análise socioeconômica e cultural da Feira Livre de Remígio-PB**. 2011, Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/4044/1/PDF%20-%20Gilvando%20Rodrigues%20Chaves.pdf> Acesso em: 10 de Ago de 2017.

CORREIA, M.; RONCADA, M. J. **Características microscópicas de queijos prato, mussarela e mineiro comercializados em feiras livres da cidade de São Paulo**. Revista de Saúde Pública. São Paulo, v. 31, n.3, p.296-601, 1997.

DOLZANI, M. & JESUS, G. M. **O direito a cidade: cem anos de feira livre na cidade do Rio de Janeiro**. Disponível em: . Acesso em: Set de 2017.

GODOY, W.I.; ANJOS, F.S. dos. **O perfil dos feirantes ecológicos de Pelotas-RS**. Revista Brasileira de Agroecologia, v.2, n.1, fev. 2007

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades-Ceará**. Barro. IBGE, 2017. Disponível em:< <https://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?codmun=230200>>. Acesso em: out 2017.

LIMA, Eliany Dionizio . **A feira livre como elo entre campo e cidade: uma análise a partir de Feira de Santana, Bahia**. Disponível em: <<http://livrozilla.com/doc/826660/a-feira-livre-como-elo-entre-campo-e-cidade--uma-an%C3%A1lise-a>>. Acesso em: 09 dez. 2017.

MASCARENHAS, Gilmar ; DOLZANI, Miriam C. S. . **Feira livre: Territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea** . Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/atelie/article/view/4710>>. Acesso em: 21 jan. 2018.

MASCARENHAS, Gilmar. **O Lugar da Feira Livre na Grande Cidade Capitalista: Conflito, Mudança e Persistência** (Rio de Janeiro: 1964-1989), dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia da UFRJ, 1991.

MOTT, Luiz Roberto de Barros. **Subsídios à história do pequeno comércio no Brasil**. Revista da História, São Paulo, n. 105, 1976. Disponível em: <<http://revhistoria.usp.br/images/stories/revistas/105/a05n105op.pdf>>. Acesso em: 13 ago. 2017.

SALES, Aline et al. **Negócio feira livre: um estudo em um município de Minas Gerais.** Disponível em: < <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EnGPR395.pdf>>. Acesso em: 06 de Ago de 2017.

SACCO DOS ANJOS, F.; GODOY, W. I. ; CALDAS, VELLEDA, N. **As Feiras-livres de Pelotas sob o Império da Globalização: Perspectivas e Tendências.** 1. ed. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária, v. 1. 197 pg. 2005.

SANTOS, José Erimar dos. Feiras livres: (re)apropriação do território na/da cidade, neste período técnico-científico-informacional. Produção do espaço e dinâmica regional, Rio Grande do Sul, p. 39-56, ago. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/viewFile/10771/pdf>>. Acesso em: 03 jan. 2018.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos.** Trad. Myrna T.R. Viana. São Paulo: EDUSP, 2008 [1979]. 433 p.
 _____ . **Por uma Geografia Nova.** São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

SEPULCRI, Odílio e TRENTO, Edison José. [s.d.]. **O mercado e a comercialização de produtos agrícolas.** Disponível em: < <http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0ahUKEwiwoPT9wsTPAhWDC5AKHTonBCkQFggcMAA&url=http%3A%2F%2Fportal.mda.gov.br%2Fo%2F6026511&usg=AFQjCNEOB5sdGzD9HQb7FEcEXFPtqAR5KA&sig2=k8gaaHI1qog77KbOkCXpSw&bvm=bv.134495766,d.Y2I>> Acesso em: 04 de Ago de 2016.

SILVA, Ligia Betânia Wanderley. **A feira livre em Pedras de Fogo–PB.** João Pessoa, 2006. Disponível em: Acesso em: 10 de Ago de 2017.

SOUZA, Caio Mateus de Melo; FREITAS, André Vieira. **A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO CIDADE-CAMPO NO ENSINO DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA.** In: *Projeção e Docência.* [S.l.: s.n.], 2016. p. 95-105. v. 7.

III ENCONTRO DE GESTÃO DE PESSOAS E RELAÇÃO DE TRABALHO, 2011, João Pessoa. **NEGÓCIO FEIRA LIVRE: UM ESTUDO EM UM MUNICÍPIO DE MINAS GERAIS ...** João Pessoa: [s.n.], 2011. 15 p. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EnGPR395.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2017.

APÊNDICES

APÊNDICE 01 - ENTREVISTA AO FEIRANTE
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADEMICA DE GEOGRAFIA
QUESTIONÁRIO PARA TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
DISCENTE/PESQUISADOR: KAIAME LEITE ARAUJO
PROF^a ORIENTADORA: DRA. IVANALDA DANTAS NOBREGA DI LORENZO

CATEGORIA: FEIRANTE

1. Onde mora: () Cidade () Campo () Outro município () Outro Estado. Qual:

4. Profissão (além da feira): _____

5. Vive unicamente da feira: ()sim ()não

Explique _____

6. Tempo de atuação na feira : _____

7. tipos de Produtos comercializados: _____

8. Produz o que vende: : ()sim ()não

Explique _____

9. Compra a mercadoria: : ()sim ()não

Explique _____

10. Meio de transporte utilizado: _____

11. Tem fregueses fixos: : ()sim ()não

Explique _____

12. Sistema de venda: _____

15. Horário que chegada à feira: _____

16. Horário que sai: _____

17. Frequenta outra feira: : ()sim ()não

Explique_____

18. como é o seu relacionamento com outros feirantes?

19. Há problemas para se trabalhar hoje na feira?

()sim ()não

Explique_____

20. Há vantagens que a feira oferece para o município de Barro?

()sim ()não

Explique_____

21. Quais as sugestões que você teria para melhorar a qualidade da feira:

22. Houve alguma retração observada na feira nos últimos anos?

23. Os novos mercados são possíveis ameaças?

APÊNDICE 02 ENTREVISTA PARA O CONSUMIDOR

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

UNIDADE ACADEMICA DE GEOGRAFIA

QUESTIONÁRIO PARA TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

DISCENTE/PESQUISADOR: KAIAME LEITE ARAUJO

PROFª ORIENTADORA: DRA. IVANALDA DANTAS NOBREGA DI LORENZO

CATEGORIA: CONSUMIDOR

1. Onde mora: () Cidade () Campo () Outro município () Outro Estado.

Qual: _____

2. Idade: _____

3. Profissão: _____

4. Vem sempre a feira? _____

5. Você prefere comprar na feira? : ()sim ()não

Explique _____

6. Há problemas na feira? : ()sim ()não

Explique _____

7. O que pode ser melhorado na feira? : ()sim ()não

Explique _____

8. Você observou alguma retração na feira?

9. Quais as diferenças observadas na feira de antes e a de agora?
